

ARTIGO

PROPOSTA PARA AGENDA DE DEBATES E ESTUDOS SOBRE OS PROBLEMAS ATUAIS DA UNIVERSIDADE

PROF. DR. GABRIEL COHN
DIRETOR

1. APRESENTAÇÃO

O presente documento consiste em texto que a Diretoria da FFLCH apresenta ao conjunto da escola, na figura do seu colegiado máximo, com o propósito de contribuir para o debate em curso sobre as grandes questões da universidade e, sobretudo, das relações entre a universidade e a sociedade mais ampla. Naquilo que diz respeito ao patrocínio da Congregação esse debate está em andamento, e vem de encerrar, no dia 11 de setembro, a série realizada no auditório da Geografia, sobre “Concepções de pesquisa” – na qual se tratava de reunir intervenções de representantes de diversas áreas de conhecimento, que permitam avançar na caracterização daquilo que entendemos por pesquisa nesta escola. Parece ser conveniente, nesta altura e à luz das experiências recentes na vida universitária, abrir o foco das cogitações e avançar rumo a uma agenda de mais longo prazo, que aponte para os fundamentos mesmos dos nossos problemas e das nossas áreas de atuação. Poder-se-ia perguntar a razão de se levar proposta dessa ordem à Congregação, quando outros foros podem, e efetivamente são, continuamente mobilizados para o exame dos problemas que nos concernem como participantes da universidade. É que entendemos que o nosso colegiado máximo deve, para além das suas incumbências regimentais estritas, invocar a sua condição de instância de síntese e de condensação daquilo que de outro modo se faria ponto a ponto e que constitui a razão de ser mesma do nosso trabalho nesta Faculda-

de: o diálogo aberto e a reflexão conjunta sobre os fundamentos da nossa ação, sempre em busca da lucidez sobre o que fazemos e devemos fazer e das formas institucionais que melhor assegurem uma convivência civilizada.

2. EXPOSIÇÃO

A USP vive um momento difícil: as instâncias e mecanismos de representação, o modo como as categorias que a constituem se relacionam entre si e no interior de cada uma delas, as suas relações com a sociedade mais ampla, tudo parece estar desarrumado, “out of joint” como diria nosso precursor Hamlet.

O primeiro ponto a se considerar, caso queiramos construir uma agenda de reflexão solidária no futuro imediato, é que isto não se restringe à USP, muito menos a essa ou aquela das suas unidades. Temos que enfrentar o fato de que a área das “humanas” vem-se tornando cada dia mais vulnerável institucionalmente. Alguém especialmente sombrio poderia concluir que elas provavelmente só sobreviverão no futuro próximo porque servem como desagudouro às exigências impostas às universidades no tocante à oferta de cursos noturnos. (A propósito, a questão dos cursos noturnos merece bem mais exame do que lhe vem sendo concedido, como lembra o nosso colega da Unicamp, Reginaldo Moraes, quando afirma que ela é mais urgente e socialmente relevante do que muito do que sustenta sobre temas como a moradia estudantil). Em situação como essa a nossa FFLCH de-

sempenha papel crucial: temos que fazer tudo para romper o cerco que se estende sobre toda a universidade e nos afeta em especial.

Neste ponto, emerge um tema fundamental para nosso exame. Só poderemos avançar se conseguirmos dar plena e funda ênfase à dimensão de qualidade nas nossas atividades de formação e de pesquisa, trabalhando a sério a busca de excelência. O debate desse tema entre docentes, estudantes e funcionários permitirá avançar muito, num campo decisivo – e promovê-lo é uma das tarefas que teremos que enfrentar logo mais. Isso representaria, aliás, um desdobramento natural do tema da pesquisa na universidade e em especial nas ciências humanas. Neste ponto, o mote poderia ser: qual é a relação entre excelência e relevância na nossa área, e como levar ambas ao seu grau máximo? Na realidade, aqui já se apresenta a oportunidade para lembrar nossa contribuição própria nesse debate, que consiste em ver esses dois termos como categorias crítico-reflexivas, não aplicáveis sem mais. Pode-se sustentar, em primeira aproximação, que será pelo ângulo da expressão mais plena da exigência de qualidade, sem quaisquer concessões, que contribuiremos para a recuperação da imagem da universidade pública. Não será tarefa fácil, desde logo, em vista da fatal ambigüidade que com tanta frequência marca as posições e reivindicações das diversas categorias que a compõem: quer-se o máximo de qualidade pelo lado da demanda, e o máximo de facilidade pelo lado da oferta. Parece claro que esse tema, junto com aquele que o fundamenta – o da nossa concepção da natureza mesma da universidade – igualmente deverá ser objeto dos nossos debates vindouros.

É preciso considerar, também, que estamos às voltas com problemas que transcendem amplamente as universidades. Dizem eles respeito, entre outras coisas, à corrente desqualificação dos partidos

Sumário

ARTIGO

Proposta para agenda de debates e estudos sobre os problemas atuais da Universidade 1

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Reforma dos Prédios: 5

PREMIAÇÃO

PRÊMIO CAPES 2008: 6

EVENTOS

Prof. Sedi Hirano ministra a
Aula Magna da FFLCH em 2008 12

A confusa origem do 8 de Março, o Dia
Internacional da Mulher 13

ESPAÇO MEMÓRIA

Entrevista: Shozo Motoyama 15

ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS

Entrevista com Marlene P. Angelides,
Cláudio de Souza e Frank Nabeta 20

Entrevista com Assad, representante do
Conselho Diretor de Base - SINTUSP 21

DOUTORADO 23

MESTRADOS 23

PRODUÇÃO DA FACULDADE 27

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR:

Prof. Dr. Gabriel Cohn

VICE-DIRETORA

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

COMITÉ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricóli Iokóí (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros – MTb 35814 (SCS) - Membro Assessor. SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: Erbert A. da Silva – MTb 35870. PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. COLABORADORES: Gustavo Dainezi, Laís Lucas Moreira e Ricardo Balsani Ferraz. REVISÃO: Priscilla Vicenzo da Silva. FOTOS: Eusebio Gregório Costa. SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS: João Fernando Querido Salvado. IMPRESSÃO: Gráfica – FFLCH/USP. TIRAGEM: 1200 exemplares.

políticos, em proveito de pequenas agremiações que, para se diferenciarem entre si, entram numa espiral de radicalização; a desvalorização da ação política institucional e, junto a ela, a crise da representação, em todos os níveis; tudo isso enlaçado na malha fina das relações cotidianas, marcadas por sinais preocupantes de disseminação do desrespeito generalizado, entre pessoas e categorias institucionais.

Soma-se a isso o dilema que vive uma universidade como a nossa, ameaçada ao mesmo tempo “por baixo” e “por cima”. Por baixo, pelas pressões no sentido da expansão do acesso a ela, com todos os custos correspondentes: mais vagas, mais infraestrutura material e operacional, mais serviços (incluindo saúde, alimentação, moradia e transporte), mais docentes, sempre com a alternativa também onerosa do ensino à distância. Por cima, pelas consequências da exploração mais intensiva pelas entidades de ensino superior privado dos nichos de mercado de alta renda, somada ao seu crescente acesso aos recursos públicos via agências de fomento, rompendo-se a posição privilegiada das universidades públicas no tocante à excelência. Tanto mais isso importa quando se desenha no horizonte uma “solução” para esse dilema, a pior possível: a de se converterem as universidades públicas em escolas de ensino superior de massa, reservando-se a excelência para universidades privadas de elite e concentrando-se a pesquisa em institutos especializados. Para evitar mal-entendido: não se afirma aqui que haja uma política definida nesse sentido neste governo ou em qualquer anterior. Sustenta-se que isto é uma tendência objetiva, que poderá constituir a base de políticas se não for bem identificada e compreendida pelas forças ativas da própria universidade. Todos conhecem o ponto terminal disso: a repetição no ensino superior daquilo que aconteceu no ensino médio. [Adendo, em 02/9: A recente incorporação da Fapesp à Secretaria de Ensino Superior do Estado, retirando-a da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, antiga Ciência e Tecnologia, junto com a mudança de comando naquela Secretaria, modifica esse quadro, sem anulá-lo, ao sinalizar a ênfase do atual governo estadual no ensino à distância, em relação ao qual deverá ser negociada a participação das universidades]. Está para ser feita – e é tarefa urgente para nós – a análise das novas formas das relações entre a universidade, a sociedade mais ampla e o poder público (e, no in-

terior disso, das áreas de humanas com o conjunto da universidade). Desde logo, fica claro que pouco nos servirá uma sociologia rasa, de aplicação linear de critérios sócio-econômicos ou de classe; a coisa é bem mais intrincada.

Isso tudo se relaciona com um ponto que pode parecer trivial, mas é fundamental. Na realidade, é talvez o ponto que mais merece atenção, da perspectiva deste documento, após a ênfase na redobrada exigência de qualidade nas diversas dimensões do trabalho acadêmico. Trata-se da crise do modelo da universidade pública provedora – essa entidade capaz de literalmente acolher o estudante com todas as suas necessidades, sem outro ônus senão a sua participação indireta no seu financiamento, como contribuinte (mais exatamente, como consumidor, no caso do ICMS). É isso que dá sentido ao modo peculiar como é incorporado por amplos segmentos da universidade, em especial seus estudantes, o tema da autonomia. O fato é que se vem aprofundando o hiato entre a universidade pública gratuita e (supõe-se) de qualidade e o “mundo exterior real”, em relação ao qual ela tende a funcionar mais como anteparo do que como agência de qualificação para o sucesso de planos de vida. Neste ponto, aliás, a área de humanas parece especialmente vulnerável; mas isto requer melhor exame. Nesse sentido, a universidade tende a operar como um território no interior do qual é possível criar, de diversas maneiras e em diversos níveis, algo como “zonas autônomas” (o termo não é meu), alheias ao ultra competitivo mundo administrado e dotadas de normatividade própria, ou de nenhuma – espaços como que autárquicos e soberanos, em suma. Entre tantos outros, um tema a ser examinado, neste contexto, é o do modo como se projeta no interior da vida acadêmica esse descompasso entre o mundo interno à universidade e o externo a ela. É bastante plausível a observação de que isso se dê pela incorporação no cotidiano da universidade dos padrões de conduta predatórios e auto centrados próprios à sociedade mais ampla (com o que o seu papel de anteparo e proteção vai se reduzindo a ideologia no sentido mais pobre do termo). Como construir e manter uma universidade pública que não se reduza à condição de provedora de serviços às suas categorias constituintes antes de se dirigir à sociedade e, ao mesmo tempo, saiba resistir às pressões mercantil-particularistas? Não é problema fácil, para dizer o mínimo.

As intrincadas relações entre essa universidade provedora e o resto do mundo delineiam uma área de importância crucial no complexo de questões sobre as relações entre universidade e sociedade no futuro próximo. Num primeiro passo, vamos tomar como referência o cenário doméstico. Na recém-encerrada ocupação da Reitoria da USP por grupos de estudantes e funcionários, dois itens que percorreram por longo tempo a pauta flutuante de reivindicações estudantis associavam-se numa combinação muito peculiar: expansão da moradia e expansão do tempo de permanência na universidade. Encontramos nisso, com efeito, a expressão mais acabada, quase caricatural, de duas tendências importantes. Por um lado, temos a substituição de propostas afirmativas sobre rumos e perspectivas da universidade por demandas que são mais adequadas a uma clientela do que à participação ativa na vida institucional. Para entender melhor isso, é preciso atentar para a outra dimensão do problema, relativa, precisamente, à condição provedora da universidade. Também aqui, e num nível mais profundo, encontramos uma ambigüidade, quando não diretamente uma contradição. É que, da perspectiva das demandas que ela própria engendra nas condições contemporâneas, ela é quase tudo, quando vista pelo ângulo provedor, e é pouco ou nada, quando vista pelo ângulo da agência social incumbida de propiciar aos novos cidadãos apoio efetivo na formulação e realização de planos de vida.

É essa condição simultânea de ser tudo e não ser nada que está na base dos demais dilemas e ambigüidades que marcam a universidade, hoje. (Resta saber se isso é tão peculiar à área de humanidades como se supõe). É ela, por exemplo, que torna tão difícil para os movimentos reivindicatórios, do estudantil ao docente, formular pautas de ação relevantes para as políticas de pesquisa e ensino superior que importam à universidade, sem perder-se no âmbito estritamente corporativo ou de clientela. É ela que ajuda a entender, também, a surpreendente pobreza política e insensibilidade social de reivindicações aceitas, ou diretamente feitas, por estudantes de alto nível, como são tantos entre os que aderiram à recente ocupação da Reitoria da USP. Afinal – se aceitarmos essa sumária caracterização de um estado de real erosão institucional da universidade –, o que cabe esperar de uma instituição desse tipo, senão a dilatação do prazo de entrada no

mercado de trabalho, para uns, e a manutenção da subsistência, para outros? Deixando-se de lado a dimensão puramente tática da adoção de pautas flutuantes, intermináveis e dificilmente conciliáveis com o propósito manifesto de defesa da universidade pública na agenda dos movimentos estudantis, essa característica também exprime algo mais fundo e relevante para o nosso debate: a saber, os dilemas e contradições dessa categoria social e da própria instituição universitária no momento atual. (Um exemplo desconcertante: há alguns anos, na Unicamp, o reitor e também o diretor do IFCH foram objetos de ações especialmente agressivas por parte de grupos estudantis, que investiam contra proposta de expansão de vagas). Entre os docentes os efeitos dessa situação também são profundos. Em primeiro lugar, porque o trabalho acadêmico vai perdendo prestígio, ao mesmo tempo em que se torna mais precário sem o amplo feixe de seguranças do período anterior. Depois, porque os docentes mais jovens trazem para a universidade, e são incentivados a praticar nela, uma peculiar orientação da conduta derivada da expansão dos órgãos de fomento à pesquisa. Consiste ela em fixar como referência básica da conduta cotidiana, não o seu departamento, sua escola ou a universidade toda, mas aqueles órgãos de fomento, com suas exigências características e o correspondente estilo de trabalho. Isso significa que a universidade, ou suas instâncias internas, não é sua referência básica; com efeito, fica reduzida a pouco mais do que um guarda-chuva institucional. Está reduzida à condição de referência institucional para aquilo que interessa diretamente, que é a pesquisa e a docência numa área de conhecimento muito específica. Isto não pode deixar de introduzir descompassos entre as concepções e comportamentos dos docentes e pesquisadores mais recentes e mais antigos, uma clivagem básica no interior dessa categoria, assim como se amplia o hiato entre a graduação e a pós.

Isso tudo sugere que o exame das condições do entorno da universidade devem ser matéria de análises voltadas para a identificação das mudanças que se vêm apresentando e as que se prenunciam. O sociólogo Luciano Martins sempre insistiu num efeito específico do período ditatorial na sociedade brasileira: o de que as políticas de integração nacional e de modernização então adotadas disseminaram nela o *ethos* capitalista. Isso foi incorporado em outro

registro no período posterior, e contribuiu para a impregnação na sociedade das formas de conduta auto-referidas e predatórias da etapa histórica atual – e a universidade não escapa disso, até nas formas exacerbadas de reação a essa tendência. É preciso entender melhor como a universidade incorpora um grande paradoxo da vida social e política brasileira contemporânea: instituições políticas formalmente democráticas convivem com a carência de cidadãos democráticos (alguns prefeririam falar de valores republicanos). Se quisermos usar em sentido bastante amplo o termo, a cultura política que se rebete na universidade deve ser objeto de muita atenção. Do contrário, correremos o risco da banalização de referências centrais como espaço público, cidadania e autonomia. Esse cuidado é importante também porque pode conduzir àquela sobriedade crítica sem a qual esperaremos demais de intervenções institucionais como as mudanças estatutárias. Como vários colegas vêm sustentando, a questão fundamental consiste em que estatutos, e demais instrumentos institucionais normativos, são exatamente isso: instrumentos. Para quê? Para que modelo de universidade, conforme qual concepção?

Formuladas as coisas dessa maneira, fica claro que a confiança na busca da excelência tal como foi apresentada no início destas considerações não se sustenta sem mais; pois não é a mera qualidade que está em jogo (embora em momento algum ela deixe de ser fundamental), e sim o papel que ela representa na nova configuração que vai assumindo a universidade nas

suas igualmente novas relações com a sociedade. A busca de respostas para o complexo de questões que aqui se anuncia constitui desafio de monta para nós: afinal, representamos uma escola que se orgulha do seu viés reflexivo. Ela envolve, além das questões pontuais diretamente relevantes (a começar, claro, pelo exame da condição e das perspectivas das nossas universidades, talvez em termos comparativos), uma abertura de foco, talvez até chegar a tentativas de caracterizar essa verdadeira fase de transição de época que estamos vivendo em escala mundial. Na passagem entre um nível de reflexão e outro, muito há para examinar, ou reexaminar. Surpreende, aliás, que a sociologia produzida numa universidade como a USP tenha abandonado o problema da condição jovem, que Octávio Ianni e Marialice Foracchi procuraram desvendar em estudos pioneiros há mais de quatro décadas, em contexto muito diferente. O exame desse tema crucial no momento presente permitiria, talvez, explorar a relação entre o que se disse acima da condição de tudo e ao mesmo tempo nada da universidade pública e a outra face desse paradoxo: a de que no mundo em que têm que conduzir suas vidas os jovens se defrontam com a presença simultânea de um campo estreito de opções e perspectivas futuras e de uma virtual ausência de limites para as suas ações imediatas, igualmente virtuais em grande medida.

Enfim, não falta matéria para exercer a lucidez crítica, esse bem escasso sem o qual a universidade define.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

REFORMA DOS PRÉDIOS:

REUNIÃO DECIDIRÁ DATA DE INÍCIO DE OBRAS IMPORTANTES

POR GUSTAVO DAINEZI

As últimas informações sobre o processo de reforma dos prédios da FFLCH são animadoras. Foi realizada, no dia 04 de Março, uma reunião da diretoria da FFLCH com a COESF, para acertar as datas de início das seguintes obras:

- Instalação de dois elevadores no prédio de História
- Ampliação e reforma do prédio de Letras
- Obras do último bloco de sanitários do prédio das Ciências Sociais

A assistente administrativa da Faculdade, Renata Guarrera Del Corço, adiantou ao INFORME as referidas datas.

Obra	Início	Término
Elevadores na História	25/03/2008	out/09
Ampliação e reforma – Letras	01/04/2008	jun/09
Sanitários – Ciências Sociais	17/03/2008	jun/08

Outra obra que está perto de iniciar é a reforma do Anfiteatro da Casa de Cultura Japonesa, apenas aguardando término da licitação pela COESF.

OBRAS EM ANDAMENTO

Acompanhando as obras que já estão sendo executadas, há novas informações sobre duas delas:

√ A reforma da cobertura do prédio de História está parada por força de uma auditoria requisitada pela própria direção da FFLCH que, realizando um acompanhamento minucioso, detectou irregularidades na execução da obra e solicitou um laudo técnico à COESF. A obra está parada até que o laudo saia para que possam ser corrigidas as irregularidades.

√ A reforma dos banheiros em um dos blocos do prédio de Letras está em seus últimos ajustes, e a inauguração se aproxima.

PREMIAÇÃO

PRÊMIO CAPES 2008: TRÊS VITÓRIAS PARA A FFLCH

POR GUSTAVO DAINÉZI

A FFLCH mostra sua força em mais uma premiação. Desta vez, destacou-se no “prêmio CAPES de Teses 2008”, com duas premiações e uma Menção Honrosa. Conversamos um pouco com os autores das teses premiadas e com seus orientadores, para saber sobre suas teses, como se sentiram, quais são os planos para o futuro, e como seus trabalhos contribuíram para suas respectivas disciplinas.

PAOLO RICCI

Premiado em: Ciência Política e Relações Internacionais

Tese: *De onde vêm nossas leis? Origem e conteúdo da legislação em perspectiva comparada*

Orientador: Fernando Limongi

Departamento de Ciência Política - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Como reagiu ao recebimento do prêmio CAPES?

Com uma taça de vinho!

Como surgiu a idéia de estudar as relações entre as arenas políticas e a produção legislativa?

O tema sempre me interessou desde o período da graduação que fiz na Universidade de Bolonha (Itália). Em particular, na época, e não apenas no âmbito acadêmico, o debate se articulava ao redor de grandes temas que salientavam a importância de repensar as instituições para solucionar o quadro de crise institucional da democracia italiana. Ao acompanhar os escândalos de corrupção envolvendo políticos e grupos de interesses, sobretudo a partir de 1992, meu interesse se direcionou para o estudo das soluções institucionais oferecidas pelos políticos italianos. Assim, sobretudo, as questões relacionadas com a reforma do sistema eleitoral, dos regimentos internos do parlamento e, mais em geral, a mudança do sistema partidário.

O tema da produção legislativa se encaixa dentro deste quadro analítico. A idéia de que a qualidade das leis ou normas para uma democracia é produto

dos arranjos institucionais é consolidada na literatura. Em geral, acredita-se que o desenho institucional pode fornecer a chave de leitura para entendermos o comportamento dos deputados e, por último, o tipo de normas produzidas. Assim, por exemplo, é notória a tese de que dado um determinado sistema eleitoral, considerando os incentivos ao personalismo presentes nele, é conseqüente o investimento do político em questões de cunho local. A equação sistema eleitoral - comportamento político - produção legislativa se repete no Brasil nestes termos: sistema eleitoral personalista - comportamento personalista - políticas de cunho local.

À luz de sua tese, que traços fundamentais (positivos e negativos) conseguiu identificar no sistema político brasileiro?

Acredito que o “padrão Brasil”, assim dizendo, possa ser definido apenas quando visto em termos comparativos. E o que ficou claro na tese é que, pelo menos em termos de normas produzidas pelos deputados, o padrão encontrado, seja quanto à quantidade seja no mérito da qualidade delas, não se diferencia muito dos demais países democráticos.

Quais as principais respostas e as principais perguntas que a sua tese levantou?

Uma resposta acima de tudo: a ciência política contemporânea tende a sobredimensionar a importância das instituições formais. Não que elas sejam irrelevantes, ou não impactantes. Mas neste sentido alguns autores tendem a fazer da explicação vinculada às instituições a *sine qua non* da existência de uma “boa” democracia. Assim, acredito que ao lado deste viés marcadamente “institucional” seja necessário redescobrir e integrar uma análise que leve em conta outras variáveis. Lembraria, apenas a título de exemplo, o papel dos grupos de interesses. Nesse sentido, mais do que olharmos para o mau funcionamento de uma democracia devido ao arranjo institucional adotado, seria mais útil focarmos sobre os atores que atuam e influenciam a formação de uma política pública (sejam eles grupos políticos como também grupos de interesses) .

É dito em seu trabalho que esta tese é o início de um trabalho maior. Como você imagina que as pesquisas subseqüentes devem ser direcionadas?

A conclusão de qualquer tese deveria ser na verdade

o começo para outra indagação. No meu caso, após ter estudado como um determinado arranjo institucional pode afetar o comportamento dos políticos, foi quase que natural me questionar sobre os atores que desenham as instituições. Ou seja, dada a importância do formato institucional (sistema eleitoral, tipo de financiamento dos partidos...) seria agora necessário investir numa análise voltada para o entendimento de como as instituições nascem e são criadas. O tema da “gênese” das instituições não é novo, mas na ciência política ganhou espaço apenas recentemente. Acredito que este seja um tema ainda pouco explorado, sobretudo no âmbito acadêmico brasileiro e que precisaria ser mais desenvolvido.

Pretende orientar estas futuras pesquisas, ou continuará você mesmo, a título de pós-doutorado?

Pretendo sim! Sobretudo na área de política comparada! Mas para orientar é antes disso necessário passar num concurso... Até lá vou continuar pesquisando!

FERNANDO LIMONGI - Orientador

Do ponto de vista do arcabouço teórico das Ciências Políticas, qual a contribuição desta tese?

A tese tem um viés mais empírico. Há uma forte, eu diria dominante, corrente teórica que faz uma série de suposições acerca dos efeitos da legislação eleitoral sobre a produção legislativa, mais especificamente sobre as propostas de lei que legisladores patrocinariam. Até onde eu sei, esta literatura é cheia de hipóteses e previsões que nunca foram sistematicamente testadas. Há estudos sobre um ou outro país e, quando muito, a comparação para um número limitado de casos. A maior contribuição desta tese é colocar estes juízos hipotéticos a teste empírico, ampliando o número de casos examinados.

Como foi o trabalho de orientar esta tese, que pesquisou tantos países e tantas leis? Quais as principais preocupações do orientador numa tese como esta?

Na realidade, central para uma boa orientação é a existência de uma boa relação entre orientador e orientando. No caso, houve um bom casamento entre as minhas preocupações e pesquisas e o interesse de Paolo. Eu preciso notar que Paolo tinha uma agenda própria de pesquisa desde que ingressou no

mestrado, recém chegado da Itália. Para ser sincero, acho que neste caso, a contribuição do orientador acabou sendo muito pequena. Paolo sempre trabalhou com grande autonomia e disciplina.

O fato de ter sido feito na FFLCH contribuiu decisivamente para o sucesso do estudo?

O trabalho de Paolo, sem dúvida alguma, em que pese o que respondi na pergunta anterior, foi beneficiado pelo ambiente de trabalho do departamento de Ciência Política, da existência de um grupo de referência entre os alunos e professores. O seu tema de trabalho está inserido em uma área de pesquisa privilegiada dentro do departamento. Beneficia-se, portanto, de um rico e intenso debate intelectual, que, aliás, no caso da Ciência Política, não se resume apenas a esta área.

O autor da tese ressalta, na própria, que ela é apenas o início de uma série de estudos que se fazem necessários para a melhor elucidação da problemática colocada. O senhor pretende orientar (ou realizar) estudos nesta série?

Como disse, esta é uma área forte no interior do departamento. Não sou o único a orientar trabalhos nesta área. Ainda, obviamente, há muito o que pesquisar neste campo. Ainda assim, gostaria de notar um traço importante do trabalho premiado: a tese é verdadeiramente comparativa. O Brasil é um entre outros tantos casos estudados. Está em pé de igualdade no tratamento dispensado pelo autor a Itália, Estados Unidos e outros tantos que discute na tese. Acho que isto é prova do amadurecimento da Ciência Política no Brasil. Tempos atrás, um conhecido cientista político brasileiro criticou a produção de nosso departamento, dizendo que todas as teses tinham datas e nomes de lugares em seu título, que éramos provincianos enfim. O trabalho do Paolo mostra que progredimos bastante desde então.

Atualmente, quais são os principais estudos realizados nas Ciências Políticas, pela FFLCH?

Esta não é uma pergunta fácil de responder. Qualquer avaliação que eu venha a fazer corre pelo menos dois riscos. Fazer injustiça a alguma área de trabalho por esquecimento ou pressa na resposta. Segundo, o que é uma variação do primeiro risco, não ser sistemática. Creio que posso afirmar com segurança que, contra o usual lamento

de que o presente é pior do que o passado, de que vivemos tempos de decadência etc. etc., que o departamento de Ciência Política da USP apresenta hoje uma produção científica densa e integrada ao debate político nacional. No último triênio, melhoramos nossa nota junto a Capes e creio que estamos em condições de melhorar ainda mais. Talvez ainda sejamos provincianos, pouco internacionalizados, mas não caipiras.

SIMONE SCIFONE

Premiada em: Geografia

Tese: *A construção do patrimônio natural*

Orientador: Wagner da Costa Ribeiro

Departamento de Geografia - Pós-Graduação em Geografia Humana

Como surgiu a sua preocupação que iniciou o projeto de pesquisa da tese?

A motivação para a pesquisa veio dos anos em que trabalhei com a proteção do patrimônio natural no órgão estadual Condephaat (período de 1988 até 1995). A convivência diária com os dilemas e problemáticas do patrimônio, a complexidade das questões envolvidas e, por outro lado, a constatação de que atualmente há verdadeiro silêncio, uma ausência de discussão acadêmica sobre essas políticas públicas de patrimônio, deram-me a certeza de que esse era o momento propício de recolocar essa temática que teve seu auge de discussão em meados dos anos 1980 e depois foi esquecida.

Por que foi escolhida para um estudo mais específico a região do litoral norte paulista?

A escolha do litoral norte tem relação com o intenso processo de valorização do espaço que há alguns anos vem se consolidando nesta região. Uma das afirmações que freqüentemente ouvimos quando trabalhamos na área de patrimônio é a de que o tombamento acaba engessando e desvalorizando as propriedades sobre as quais incide. No meu trabalho há um esforço para mostrar que, ao contrário do que se diz, em relação à área tombada da Serra do Mar no litoral norte, a proteção da natureza aparece como um dado que contribui para a valorização do espaço e que os proprietários de segundas residências em trechos altamente valorizados se apropriam deste discurso da preservação para garantir a manutenção deste processo.

Você sofreu algum tipo de resistência ao pesquisar os registros históricos do Litoral Norte?

Apesar do trabalho ter levantado alguns casos conflituosos e polêmicos, não houve problemas na pesquisa de dados junto ao Condephaat. A única dificuldade deu-se por conta da precariedade (na época do levantamento) em que se encontrava o setor de Protocolo, onde os processos ficam arquivados. Naquela época o espaço interno era extremamente reduzido diante do volume de processos arquivados, o que gerava a impossibilidade de organização deste acervo. Mas essas dificuldades foram superadas graças ao apoio das profissionais que trabalham lá e que me auxiliaram na busca dos processos.

Quais os maiores erros que você identificou no processo de construção do patrimônio natural no Brasil?

O maior equívoco está na política estadual paulista, implementada há mais de uma década, a qual levou ao que eu denomino no trabalho como “desregulamentação e exclusão” do patrimônio natural. Essa política ignora e se dá à revelia de todo um esforço intelectual liderado pelo Prof. Aziz Ab’Saber, desde 1976 e que inclui também outros excelentes profissionais, que construíram historicamente a idéia de um patrimônio natural. Essa política fundamenta-se num discurso de que o patrimônio natural é atribuição do Ibama e das Secretarias de Meio Ambiente e que ele deve sair da esfera da Cultura. Os defensores desta idéia não conseguem perceber que o patrimônio natural é especificidade do universo da Cultura, que ele é a natureza incorporada como parte integrante da memória social.

Espera-se que a recente mudança na condução política do Condephaat signifique novas perspectivas e promova a revisão deste que foi o responsável por um verdadeiro retrocesso na discussão patrimonial.

Na sua opinião, o tombamento da Serra do Mar serviu mais para proteger a natureza da região Norte do litoral paulista, ou para garantir a urbanização com viés turístico daquele local?

O tombamento da Serra do Mar, enquanto foi tratado de maneira séria pelo órgão, cumpriu, em parte, a função de proteção deste patrimônio. Digo em parte, pois as dificuldades nas condições operacionais sempre estiveram presentes, mas eram superadas pelo esforço de profissionais envolvidos e engajados na ques-

tão. A política da desregulamentação alterou este quadro, a fiscalização tornou-se precária, aprovaram-se intervenções sem uma adequada instrução técnica, o que gera absurdos como os que eu verifiquei no trabalho. A proteção deste e de outros patrimônios naturais paulistas encontra-se num nível crítico necessitando urgentemente de revisão.

Por outro lado o trabalho mostrou que o tombamento foi e é usado como garantia de manutenção dos preços elevados de terrenos, como garantia da continuidade e da reprodução de um padrão de turismo de alta renda, um turismo segregador e que se apropria privativamente de um patrimônio natural que é de todos.

WAGNER DA COSTA RIBEIRO - Orientador

O que, na sua opinião levou esta tese a ser contemplada para estudo na FFLCH, ou então, qual a sua característica fundamental, dentro do arcabouço teórico da Geografia Humana.

A FFLCH tem uma tradição em estudos críticos, tal qual a tese de Simone Scifone. Na perspectiva da geografia humana, ela se enquadraria dentro da geografia renovada que se pratica no Departamento de Geografia desde a década de 1980. A renovação permitiu a incorporação de novas categorias de análise, como a produção do espaço, cuja matriz pode ser identificada em autores como Milton Santos e Henri Lefebvre, entre outros. O texto é original por, a partir dessas referências, elaborar uma teoria de apropriação da natureza preservada como fonte de riqueza pelo setor imobiliário no litoral Norte de São Paulo por meio de uma ação do Estado: o tombamento.

Quais as principais preocupações do orientador em um trabalho como esse, que exigiu diversas consultas a processos de tombamento, registros legais, licenciamentos, além da pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica?

Liberdade é a palavra chave. Sem ela, fica mais difícil surgir a criação e a originalidade. Além disso, o orientador deve estar atento para a coerência entre a metodologia e as referências teóricas, ao rigor no uso das fontes pelo orientando e, principalmente, acompanhar as etapas da investigação, como trabalhos de campo, entrevistas e leituras do estudante. Por fim, estimular a produção de artigos ao longo da tese, que permite a exposição e discussão de resultados parciais em eventos e, principalmente, o amadurecimento

do aluno. No caso da Simone Scifone, ela obteve o reconhecimento em eventos como o da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, que publicou um artigo que ela apresentou no II Encontro Nacional, realizado em Indaiatuba, em 2004, em um livro que reuniu os melhores textos de cada grupo de trabalho.

De que forma o senhor acredita que esta tese influenciará o tratamento dado pela população brasileira (em especial pelas autoridades competentes) às reservas e aos recursos naturais do país?

Infelizmente as “autoridades competentes” estão distantes da reflexão desenvolvida na universidade. Até parece que a exigência para que publiquemos os resultados de nossas pesquisas é inversamente proporcional ao interesse que eles despertam em gestores públicos. Quem se dedicar a ler o texto “A construção do patrimônio” vai encontrar alternativas que permitam edificar novas relações socioambientais em áreas protegidas, necessidade premente em nossos dias.

TÉRCIO REDONDO

Menção Honrosa em: Letras/Linguística

Tese: *A corda e o travessão: a exploração social e a sua configuração*

dramática em Woyzeck, de Georg Büchner

Orientadora: Irene Aron

Departamento de Letras Modernas - Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã

Como foi realizar um trabalho que requereu, além de conhecimento em alemão, pesquisas históricas, sociológicas e sobre teoria do teatro?

A investigação literária requer como qualquer outra disciplina acadêmica uma abordagem multidisciplinar; é ela que permite uma visão mais abrangente do objeto de estudo, no caso um texto dramático alemão do começo do séc. XIX. O levantamento histórico-social realizado é bastante modesto, e eu não tenho a formação exigida para avançar além dos limites que me propus então: um mapeamento mínimo das condições materiais de existência do proletariado alemão na primeira metade daquele século. Basicamente, ocupei-me das condições de assalariamento, moradia, alimentação, alfabetização e taxas de mortalidade observadas nas camadas pobres, além de averiguar algumas das medidas de coerção e repres-

são adotadas pelo Estado, quando esse proletariado se rebelava ou ameaçava se organizar politicamente. A maior parte da população alemã do período era muito pobre, beirando muitas vezes a miséria absoluta. *Woyzeck*, o protagonista da obra analisada, é um desses milhões de alemães que buscavam, desesperadamente, os meios necessários para sobreviver. Sem esse quadro histórico minimamente delineado, não haveria, creio, exegese possível.

Por que *Woyzeck* foi escolhida como objeto de estudo?

É difícil apresentar um motivo cabal para a escolha. Meu interesse pela obra de Georg Büchner, o seu autor, vinha de longe. No mestrado eu havia analisado *Lenz*, uma narrativa sua, e o restante dos seus textos acabaram, no conjunto, por me interessar. Mas *Woyzeck*, por sua forma fragmentária, multifraturada pode-se dizer, ficou como um convite irresistível. Quer dizer, irresistível e complicado. Depois de ingressar formalmente no doutorado, com o projeto pronto e aprovado, houve um momento de muita dúvida quanto às possibilidades de prosseguimento da pesquisa; eu não tinha por onde pegar, aquilo me parecia, de repente, muito esquisito e inapreensível. Na ausência de alternativa melhor, resolvi traduzir o drama, como uma forma de me aproximar do texto. Foi uma boa opção. O exercício da tradução acaba sempre por levantar questões que são, no fundo, as questões que também o intérprete se propõe. O próprio tom – o estilo adotado na língua de chegada – pressupõe uma análise e uma interpretação da obra.

Que principais características históricas de *Woyzeck* sua pesquisa detectou?

Não se trata exatamente de identificar a marca histórica do texto num sentido, digamos, sociológico. Ela certamente se apresenta como elemento auxiliar da análise, mas o que se procurou aquilatar foi o modo como a organização social da Alemanha do período restaurativo comparece na obra como um índice determinante de sua forma.

Havia outras teses com características similares, na época em que ela foi elaborada?

A fortuna crítica de *Woyzeck* é muito extensa, e não só na Alemanha. *Woyzeck* é a peça do repertório teatral alemão mais encenada em todo o mundo, ha-

vendo muita coisa publicada a seu respeito, inclusive por escritores de renome. E há estudos similares ao que desenvolvi, sem dúvida. Na minha tese, aprofundi um tema que é abordado por uma parte importante da crítica: a exploração social. Considerei mais de perto a relação de trabalho que se estabelece entre o protagonista e as personagens que o “empregam”. Minha pesquisa caminhou no sentido de estabelecer correspondências entre esse contrato de trabalho e, por exemplo, o ritmo observado na sucessão de suas cenas, sempre muito curtas e de interrupção abrupta. Procurei demonstrar que a relação de trabalho comparece como fator determinante desse andamento em *stacatto* do drama, o qual se reproduz também na fala de *Woyzeck*, muitas vezes elíptica e enunciada sem os modos usuais de subordinação do discurso, em situações nas quais ele seria tradicionalmente esperado. A composição e o estilo têm, portanto, essa marca indelével de uma determinada ordem social.

Quais são os principais fatores que diferenciam a interpretação da obra, quando transposta à atualidade?

As possibilidades de recepção da obra e de sua adaptação para o teatro e outras formas de representação são inúmeras. Há mais de uma adaptação do drama para o cinema, com destaque para o filme de Werner Herzog, com Klaus Kinski no papel principal. A ópera tem o seu momento mais alto, no século XX, com o *Wozzeck*, de Alban Berg. E no teatro há um sem-número de encenações, algumas muito criativas, procurando dar conta de uma forma que ainda é muito inovadora. Acho que, tanto no terreno da crítica quanto no âmbito da criação artística, o rendimento aumenta na medida em que se busca trabalhar com alguma perspectiva histórica. É a maneira possível de se compreender uma tragédia que não se resume ao calvário de um indivíduo, mas que implica um drama socialmente partilhado.

Pretende continuar pesquisando *Woyzeck*?

Não desenvolvo no momento uma linha de pesquisa específica que inclua o estudo de *Woyzeck*, mas uma série de questões suscitadas no doutorado continua na ordem do dia do meu trabalho acadêmico. De qualquer modo, mais cedo ou mais tarde, penso que volto a me debruçar sobre esse quebra-cabeças.

Ele é muito atual para ser posto de lado.

IRENE ARON - Orientadora

Que características, em sua opinião, fizeram com que a tese recebesse a Menção Honrosa no prêmio CAPES 2008?

Sem dúvida, a excelente análise da perspectiva histórica que revela os mecanismos da exploração social, o eixo estruturador do drama, distanciando-o dos preceitos do teatro burguês da época.

Que cuidados a orientadora deve ter para que a produção da tese ocorra com tranquilidade?

Dar ao orientando a máxima liberdade de desenvolver seu projeto de pesquisa, apontando sempre a viabilidade de tal projeto e os limites a serem respeitados para deixar de lado aspectos da obra que, embora relevantes, não dizem respeito diretamente ao enfoque previsto.

Existem muitos estudos sobre *Woyzeck*? Em que ponto do arcabouço teórico da Literatura Alemã a tese se encaixa?

As obras de Büchner em geral já foram objeto de vários trabalhos acadêmicos, inclusive a minha tese de doutorado, *Georg Büchner e a Modernidade*. Além disso, existem traduções dos dramas (a tradução do *Woyzeck* de Tércio Redondo, por exemplo), e a da obra em prosa, *Lenz*, de minha autoria. Encenações dos dramas foram e são igualmente frequentes nos palcos brasileiros. O autor releva em seu trabalho aspectos da tradição teatral alemã e as inovações propostas por Büchner. A bibliografia consultada, pesquisada e analisada deu ao Autor subsídios para determinar pontos convergentes e divergentes desses aspectos.

O Autor da tese ressalva que há pontos da obra de Büchner que ainda necessitam de estudo. A senhora pretende orientar esses novos trabalhos?

A obra de Büchner é fonte inesgotável de pesquisas tanto na Alemanha quanto fora do âmbito da língua alemã e dá ensejo sempre a novas leituras e enfoques que revelam a perspectiva contemporânea dos respectivos autores.

Desde minha aposentadoria não pretendo orientar mais trabalhos.

EVENTOS

PROF. SEDI HIRANO MINISTRA A AULA MAGNA DA FFLCH EM 2008

POR RICARDO FERRAZ

Com o tema “Ética e Capitalismo”, a Aula Magna da FFLCH foi ministrada este ano pelo Prof. Dr. Sedi Hirano, professor do Departamento de Sociologia. Nas palavras de Gabriel Cohn, atual diretor da FFLCH, Sedi representa uma geração de transição na faculdade, quando filhos de imigrantes começaram a ter acesso a ela. Cohn ainda disse que Sedi é legítimo representante da “Escola Paulista de Sociologia”, da tradição de Florestan Fernandes e outros grandes nomes. Na mesa que apresentou o professor ainda estavam a vice-diretora da faculdade, Prof. Sandra Nitrini, e o presidente da comissão de graduação, Prof. Roberto Bolzani.

A platéia do auditório foi composta em sua maioria por empolgados calouros, alguns ainda com o rosto pintado, que não pensaram duas vezes antes de se sentar no chão, depois de esgotadas as cadeiras. Vários professores da FFLCH, e mesmo amigos de Sedi de outras unidades, também estiveram presentes. Ao agradecer as presenças, o professor aproveitou para destacar Kokei Uehara, professor emérito da Escola Politécnica e grande exemplo para a comunidade japonesa no Brasil.

Segundo Sedi, “Ética e Capitalismo” é uma alusão direta ao clássico de Max Weber “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Mais de um século após o lançamento da obra, o professor fez um balanço dos rumos do capitalismo e de sua ideologia nesse período, quando ele se consolidou não só no ocidente, mas também oriente.

O capitalismo como nós o conhecemos hoje nasceu nos Estados Unidos da América, na sociedade construída pelos imigrantes puritanos. Weber assinalou que foi a ética desse grupo, moldada pela religião protestante, o principal motor do capitalismo. Sua doutrina valorizava o trabalho, principalmente quando realizado em favor da comunidade. A figura

que vai simbolizar essa relação é um dos “pais fundadores” da pátria americana, Benjamin Franklin. Máximas suas, como “o bom pagador é senhor da bolsa alheia”, tinham cunhos utilitários, exaltando a pontualidade, presteza e frugalidade. Eram essas, aliás, algumas das características dos puritanos, para quem a finalidade do trabalho não é somente a riqueza, mas o alcance da vida ética. “Nada mais tenho para mim do que a sensação de cumprimento do dever”, diria Benjamin Franklin.

Weber se aprofundou nessa relação entre a religião e a vida profissional. A doutrina calvinista da predestinação faz com que nenhum desses protestantes tenha certeza da salvação. Assim, todos procuram sinais de que são eleitos agindo como tais. O tempo é então um bem precioso, que deve ser dedicado ao trabalho, que constrói uma obra glorificadora de Deus. Dentro desse raciocínio o lazer pode ser condenado, já que é um tempo não dedicado à construção da sociedade, e ainda pode levar ao ócio. Segundo Weber, esse protestante também estaria propenso a não cultivar as amizades ou uma relação familiar intensa. Através de uma postura ascética, ele se torna o homem que calcula tudo para encontrar o sinal de predestinação.

A partir do sucesso do capitalismo americano, essa ideologia não influenciou apenas a comunidade puritana, mas todo o mundo ocidental. Atualmente o capitalismo é um imenso cosmo, no qual o indivíduo já nasce imerso, e que impõe as normas da ação além da economia. “Ele educa e cria para si mesmo indivíduos econômicos”, diz Sedi. Dentro desse sistema que observa os preceitos do espírito capitalista americano, a distribuição de riqueza acaba sendo desigual, uma vez que as pessoas não aproveitam o tempo do mesmo modo. A pobreza implica que a pessoa não aproveitou de modo produtivo seu tempo, ou seja, trabalhou pouco.

O resultado é que em comparação com outros países desenvolvidos, os EUA, onde essa ideologia está mais enraizada, possui desigualdades gritantes. Ainda em períodos onde essas crenças foram mais radicalizadas, como nos anos 80, a economia do país sofreu severamente. Diante desses problemas, o país começou a prestar atenção à estrutura do capitalis-

mo no Oriente. Em países como Japão, China ou Coreia, as bases da sociedade são fortemente construídas pelo investimento em educação. Nesses países sob influência do confucionismo, existe a reflexão religiosa, mas com um núcleo central na análise dos costumes, dos ritos e na educação da família, que é formadora do caráter humano e da sociedade.

A CONFUSA ORIGEM DO 8 DE MARÇO, O DIA INTERNACIONAL DA MULHER

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Os séculos XIX e XX foram fortemente marcados por um período de intensa industrialização. Porém, com a expansão da modernidade e a disseminação de novas formas de tecnologia, a população, agora transformada em mão-de-obra, foi onerada em muitos aspectos. A partir de consultas com a Prof. Dra. Eva Alterman Blay, Professora de Sociologia da FFLCH/USP e Conselheira do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais do Gênero), trataremos a exploração, principalmente das mulheres, no período em questão e o conseqüente dia em homenagem.

ANOS DE ESTUDO

Embora aposentada, a professora Eva Alterman Blay orienta doutorados, mestrados e iniciações científicas – atualmente ela mantém oito orientandas. Pertence à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ao Departamento de Sociologia, é Conselheira do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero) e ainda orienta dois mestrados em Direitos Humanos na Faculdade de Direito da USP.

Além das atividades didáticas, faz pesquisas sobre Imigração Judaica e está sempre pesquisando questões de gênero. Frequentemente participa de conferências, mesas redondas, palestras, entrevistas etc. Neste ano de 2008, dentre suas atividades estão: a apresentação de trabalhos em quatro Congressos, sendo dois Nacionais e dois Internacionais (inclusive é representante da América Latina no Comitê de Pesquisa sobre a Mulher - RC 32 - da Associação Internacional de Sociologia) e o lançamento de seu mais recente trabalho, seu livro “Assassinato de mulheres e direitos humanos”, em 28 de março, na Casa do Saber.

A ORIGEM

Jornadas de 14, 16, chegando a 18 horas diárias, salários infimamente pequenos e péssimas condições de trabalho, já eram considerados rotina na vida daquelas mulheres que, assim como muitas das de hoje, além de trabalharem fora, ainda cuidam da casa e dos filhos. Porém, a diferença gritante entre ambos os contextos é que, naquela época, o reconhecimento dessa multiplicidade de tarefas era nulo, considerado apenas um “complemento” da renda do marido. Submetidas, muitas vezes, a humilhações e abusos sexuais originados do medo de perder o emprego, eram vistas como prostitutas e incapazes tanto física como intelectualmente. Só com o passar do tempo, as idéias foram se transformando e a sociedade passou a agregar o merecido valor a essas mulheres batalhadoras.

Esgotadas com a intensa exploração e certas de que aquilo estava insustentável, operárias norte-americanas passaram a se organizar. Um dos primeiros resultados dessa organização foi a criação da Women's Trade Union League, em 1903, composta por sufragistas e profissionais liberais. Mais tarde, já em fevereiro de 1908, socialistas norte-americanas organizaram uma grande manifestação pelo direito de votar e por melhores condições de trabalho, denominada “Dia da Mulher”, que agregou adeptos ao longo dos anos. Oficialmente, a idéia da criação de um Dia Internacional da Mulher veio de Clara Zetkin, no II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, realizado dois anos depois, em 1910, em Copenhagem. *A priori*, havia a intenção de se criar uma data em homenagem, porém, nenhuma certamente determinada.

Nesse aspecto da data iniciam-se as controvérsias.

De acordo com a seqüência cronológica dos fatos, logo nos encontramos com o famigerado incêndio da fábrica de tecidos, que, segundo a maioria das fontes e a crença popular, foi o motivo pelo qual, hoje, o Dia Internacional da Mulher é comemorado em 8 de março; porém, as coisas não aconteceram dessa forma.

A FÁBRICA

A Triangle Shirtwaist Company (Companhia de Blusas Triângulo), sempre manteve um ritmo muito semelhante às empresas do setor, empregando homens, mulheres e crianças, com todas as más condições anteriormente citadas. Percebendo e acompanhando um forte movimento sindical que se formava (aliás, externamente estruturava-se a criação de um Sindicato Internacional de Trabalhadores na Confeção de Roupas de Senhoras – International Ladies' Garment Workers' Union - ILGWU), criou seu próprio sindicato interno.

Contudo, envolvidas em um contexto de protesto e união, as trabalhadoras que o compunham tentavam tirar recursos dali para ajudarem companheiras de outra fábrica, mas não o conseguiram. Fizeram piquetes na porta da Triangle, que tentou fazê-las desistir contratando prostitutas para se misturarem ao movimento – fato que só otimizou o ideal revolucionário das trabalhadoras.

Inserido em uma constante de greves, movimentos e passeatas, o sindicalismo se fortalecia ainda mais. Em 25 de março de 1911, um ano após a proposta da criação de um Dia da Mulher, acontece, de fato, um incêndio. A Triangle empregava 600 pessoas, em sua maioria judias e italianas de 13 a 23 anos. Com o fogo, que se propagou rapidamente, já que se tratava de uma fábrica que manipulava tecidos, morreram 146 trabalhadores, sendo 125 mulheres e 21 homens.

POR TODA A PARTE

A partir disso, durante um longo período, mulheres do mundo todo passaram a se manifestar, com cada vez mais freqüência e cada vez mais fibra, já que percebiam um pensamento unificado que estava conquistando as massas e persuadindo donos de fábricas. Dentre os principais eventos nesse sentido, está o dia 8 de março de 1917, cuja data remete à manifestação de trabalhadoras russas do setor de tecelagem, a qual contou com o apoio do setor metalúrgico. Esse teria sido o primeiro ato da Revo-

lução de Outubro, segundo o ponto de vista de Trotski. Já na década de 60, o dia 8 de março teria sido suficientemente relevante para passar a ser o dia preferido para as lutas das mulheres.

No Brasil, as coisas não foram muito diferentes disso. As péssimas condições de trabalho, o salário muito menor se comparado ao dos homens, as jornadas muito extensas, a exploração sexual e o não direito ao voto também eram corriqueiros. O movimento sindical também dava seus primeiros passos, porém, a enorme diferença entre ideais das anarquistas e comunistas, dividia a classe trabalhadora. Mesmo dentro dos partidos, havia uma grave distinção entre funções de homens e mulheres. As responsabilidades dificilmente eram designadas às mulheres, que ficavam com tarefas “femininas”. Durante a proibição da existência do Partido Comunista, muitas mulheres, pró-ativas e não acomodadas, passaram a atuar junto a crianças de famílias pobres e que viviam em favelas, na intenção de transmitir novos valores que construiriam uma sociedade mais igualitária futuramente. A primeira mulher a chegar até a alta hierarquia do Partido Comunista, o PC, foi Zuleika Alembert, que conseguiu a colocação de deputada estadual de São Paulo só no ano de 1945. Contudo, foi expulsa ao criticar a condição que a mulher era tratada dentro do próprio partido.

O COMEÇO DA VIRADA

O feminismo, nos anos 60 e 70, tomou cada vez mais força. Com a união daquelas que se diziam envolvidas no chamado “feminismo” da época e as que se automeavam “movimento das mulheres”, foram combatidos a ditadura e os militares na luta pelo retorno da democracia, as prisões arbitrárias, os desaparecimentos políticos etc. O dia marcante desse combate era 8 de março.

Finalmente, em 1975, com a freqüência de movimentos em 8 de março a ONU oficializou esse dia como o Dia Internacional da Mulher. Apesar disso, no Brasil, as pessoas ainda insistem em, erroneamente, associar a comemoração desse dia ao incêndio da fábrica, sem ter conhecimento das inúmeras circunstâncias que fizeram da data o que ela representa hoje. É preciso saber que há uma história de luta construída com muito suor e, predominantemente, pelas classes baixas da sociedade. Um verdadeiro exemplo de dedicação que resultou em vitória, apesar do preconceito implícito que a sociedade ainda carrega consigo.

ESPAÇO MEMÓRIA

ENTREVISTA: SHOZO MOTOYAMA

POR RICARDO FERRAZ

Ainda na gestão do Reitor Adolpho Melfi, o professor Shozo Motoyama, diretor do Centro de História da Ciência, recebeu uma importantíssima missão: coordenar um projeto que pretendia resgatar a história da Universidade de São Paulo por ocasião do aniversário de 70 anos da instituição. Apesar de um pouco atrasado para a comemoração, há dois anos foi lançado o primeiro livro decorrente desse projeto, “USP 70 Anos, Imagens de uma História Viva”. Agora o professor coordena os trabalhos que darão origem, ainda este ano, a segunda das quatro obras que deverão ser publicadas sobre a história da universidade. Em entrevista ao repórter Ricardo Ferraz, Shozo esclarece as motivações, dificuldades e recompensas desse trabalho.

Ricardo Ferraz: Como esse trabalho de recuperação da memória da USP se desenvolveu?

Shozo Motoyama: Eu fiquei muito contente quando o professor Melfi — antigo reitor Adolpho José Melfi — me pediu para fazer uma história da USP, isso na comemoração do aniversário de 70 anos da USP. Foi um projeto aprovado pela comissão de comemoração de 70 anos, mas ainda assim meio problemático, pois não tinha recursos. A proposta era muito interessante, nós topamos a parada e realmente foi um trabalho muito gratificante, embora a gente ainda esteja no meio. A idéia é fazer uma trilogia: um livro sobre a história da USP, centrado mais na reitoria, nos órgãos centrais, na política mais geral adotada pela USP; o segundo volume seria para ver a contribuição das unidades da USP para a sociedade brasileira, e paulista em particular; o terceiro seria uma coisa um pouco mais crítica, no sentido de tentar entender o papel da universidade dentro do contexto mais amplo e geral do país. Nós conseguimos cumprir uma parte, que é este livro — “USP 70 Anos, Imagens de Uma História Viva”; estamos trabalhando agora com a segunda parte, que é a contri-

buição das unidades, e também dentro deste contexto ver como as pessoas que saíram da USP contribuíram; a terceira, que é mais difícil, vai ser um exercício muito interessante. Ela estaria até de acordo com o papel que nós aqui da FFLCH fazemos, porque eu acredito que a FFLCH é uma espécie de consciência crítica da USP.

Nosso trabalho foi pensado no seguinte sentido: no primeiro momento a sociedade em geral não entende bem quais são as contribuições da USP. Dela todos têm uma visão boa, acreditam que é uma coisa a se aspirar, mas concretamente não sabem de que maneira a universidade está contribuindo para sociedade. É uma defesa da universidade, porque ela sempre esteve em uma corda bamba em que as pessoas começam a duvidar do papel importante que uma universidade, principalmente pública, tem. Nesse sentido, a idéia foi mostrar concretamente essas contribuições que a sociedade está recebendo das universidades e da USP em particular. Como, à medida que fomos pesquisando, vimos que a contribuição da USP é muito grande, decidimos até dobrar o segundo volume em duas partes. O primeiro volume ficou um pouco grande demais, porque nós contamos a história mais ou menos geral da universidade desde 1827, quando apareceu a primeira unidade da USP, que é a Academia de Direito de São Paulo. Curiosamente, mesmo eu que estou aqui na USP há quase 40 anos não sabia da dimensão e da quantidade das contribuições que a universidade vem fazendo ao longo desses anos, 70 desde que virou universidade. Eu estou muito feliz em poder mostrar essas coisas, mesmo porque é também uma defesa da universidade pública.

RF: A USP tem o cuidado necessário com sua própria memória?

SM: Veja, nós brasileiros vivemos muito o presente e esquecemos um pouco o passado. Nós temos o que

eu chamo de uma cultura muito imediatista; pensamos que é muito importante o dia de hoje, e de fato é, mas não temos muita preocupação pelo passado. É curioso que, como eu sou descendente de japoneses, conheço um pouco a história do Japão, e a gente vê que os japoneses têm uma tradição muito grande em preservar a memória. Isso porque eles tiveram uma difusão relativamente grande em termos de escrita, de ter acesso à escrita. Então muitas famílias, mesmo as que não eram importantes, seja do ponto de vista econômico ou social, quando puderam deixaram registros das suas atividades, das suas famílias, das suas origens, etc. Enquanto isso, nós que somos um dos maiores países do mundo, conhecemos muito pouco da nossa história, e a nossa história é muito interessante, extremamente diversificada.

É como essa questão da USP, se não existisse esse projeto, certamente nós não conheceríamos, não estaríamos cientes das coisas que a USP vem fazendo ao longo desses anos. Infelizmente muita coisa já se perdeu, a USP não se preocupou. Mas havia uma razão fundamental para que eles não estivessem tão preocupados com a questão da memória. Evidentemente, na Escola Politécnica, que já tinha alguns anos, na Faculdade de Direito, que já tinha quase cem anos de existência, e em algumas instituições já havia interesse em pensar sua história. Mas a verdade é que no Brasil não existia naquele momento uma verdadeira universidade, aquilo que a gente pudesse chamar de universidade, embora existisse uma universidade no Paraná, uma universidade no Rio de Janeiro. Os fundadores da USP, no caso a elite paulista, estavam muito preocupados em ter uma identidade, e ter uma universidade que pudesse ser chamada assim. A pessoa que frequentou aquela universidade tem uma marca, ela se formou nela por tais e tais razões. E neste aspecto é que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — FFCL, antigo nome da FFLCH — teve um papel muito importante. A FFCL era o cerne, o centro de toda essa idéia da universidade que estava se formando. Ou seja, as pessoas que fizessem a Universidade de São Paulo, seja na Esalq ou na Escola Politécnica, teriam uma marca, e essa marca seria elas terem cursado disciplinas básicas na Faculdade de Filosofia. Infelizmente isso não aconteceu, não aconteceu até por questões muito entendíveis. Escolas que tinham uma tradição, como a Faculdade de Direito, uma coisa centenária, não estavam tão interessadas em fazer com

que seus alunos passassem por uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A Medicina, a Escola Politécnica também; embora em um primeiro momento, em função de um diretor, a Escola Politécnica participou muito da formação inicial do processo, mas depois também acabou não contribuindo para que a Faculdade de Filosofia pudesse cumprir esse papel para o qual seus fundadores a haviam destinado.

Mas a Faculdade de Filosofia foi realmente um grande fenômeno que vai modernizar não só a Universidade de São Paulo, mas todo o país. Ela vai se tornar uma espécie de modelo para as universidades brasileiras, e ao mesmo tempo vai desenvolver uma série de estudos extremamente importantes em diversas áreas, até para compreensão do país, que era uma coisa que não era feita em termos de pesquisa propriamente dita. Havia muitos trabalhos de história, muitos trabalhos de sociologia, muita coisa interessante, mas que tinha um pouco de preconceito ideológico, e que não era só do Brasil. Veja, por exemplo, que uma idéia que se desenvolveu muito antes da USP era a do branqueamento. Havia muitos estudos, não só de sociólogos, mas de biólogos e outros, que achavam que o atraso do país era devido à inferioridade racial. Desenvolveram, na verdade, uma pseudociência com todas as características da ciência. Muito curioso na verdade, mas muito perigoso também.

As pesquisas que havia em sociologia eram desse tipo. Então vieram os franceses e falaram “não, não é bem assim, nós temos de trabalhar, temos de conhecer as comunidades, sejam de índios, sejam de negros, enfim, de toda a sociedade em geral.” E pessoas como Roger Bastide, entre outros, vão trabalhar com essas questões e formar uma série de discípulos importantes. Foi uma coisa renovadora na tentativa de conhecer o Brasil. Mas fundamentalmente, o que eu quero dizer é que a contribuição da Faculdade de Filosofia foi no sentido de abrir o estudo das ciências humanas, seja da sociologia, da história ou da geografia, de uma forma mais moderna, com uma metodologia mais moderna e encarando-as como ciência. Essa contribuição, eu acho que é extremamente importante, e a faculdade pode se orgulhar.

Mas a FFCL também teve um papel muito importante na área das chamadas ciências básicas, ou ciências puras, como a física, matemática, química, biociências. A ciência foi praticada no Brasil, de

uma maneira institucional ou individual, desde o descobrimento. Mas a gente poderia dizer que não havia o estado de arte, seja na área de botânica, de zoologia, genética. A Universidade de São Paulo, e em particular a Faculdade de Filosofia, teve esse papel de modernizar a pesquisa científica no país. Foi de lá que surgiram os primeiros trabalhos que tiveram repercussão internacional na área de física, de química, de biologia. Áreas novas, como a genética, por exemplo, foram iniciadas sempre com uma política pé no chão. Eles disseram: “nós não temos cientistas de nível internacional, então vamos trazer essas pessoas de fora”. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras adotou isso como uma política maior da instituição.

RF: Eu gostaria que o senhor comentasse esse papel dos pesquisadores estrangeiros aqui na FFLCH.

SM: Sem dúvida, em termos de modernização, foi fundamental o que eles fizeram aqui, uma coisa extremamente importante, que até deu contribuições muito grandes a nível internacional. Eu vou citar apenas dois ou três casos para você ter uma idéia. Falando em ciências humanas, vieram para cá algumas pessoas que depois se transformaram em grandes cientistas, não só a nível brasileiro, mas internacional. Um deles é o Fernando Braudel, na área de história, que hoje está novamente na moda, com muita gente discutindo seus trabalhos. Pouca gente sabe que ele passou sua juventude, o início da sua carreira, aqui. Ele veio para o Brasil ainda como professor do secundário, pouco conhecido, mas as pessoas já viam nele uma grande potencialidade. Aqui ele se aprimorou, e conseguiu então se transformar em um grande nome da área de história, do ponto de vista internacional, da Escola de Annales, e inclusive lá da França.

Outro é o caso do Levi-Strauss, que também veio praticamente desconhecido para cá. Mas ele então viu essa potencialidade, esse laboratório que é a sociedade e a comunidade brasileira. Ele se aproveitou bem disso e transformou-se em um dos grandes papas da antropologia. Roger Bastide quando conheceu o Brasil percebeu um local extremamente interessante, com exemplares nunca estudados de comunidades de negros, imigrantes, enfim, era um laboratório extremamente rico que ele soube aproveitar.

O que foi novo nesse processo é que eles vieram aqui

transmitir seu conhecimento, eram pesquisadores, pessoas entusiasmadas que queriam conhecer a natureza, a sociedade, e fizeram pesquisas ao mesmo tempo em que ensinaram seus discípulos brasileiros a pesquisar. Esse é o grande mérito que a FFCL teve.

A mesma coisa aconteceu nos campos da física e da genética. Para cá veio um físico com grande potencial, mas ainda desconhecido, chamado Gleb Wataghin. Esse pesquisador estava muito interessado em fazer seu nome como físico, e trabalhava com uma questão que não dependia muito de financiamento, os raios cósmicos. Ele então começou a fazer pesquisas desse tipo aqui na USP, e naquela época estavam sendo descobertas nos raios cósmicos uma série de partículas novas. Ele trouxe o estado de arte da pesquisa física, pelo menos uma das partes da pesquisa física, para cá, e formou uma série de pessoas. Mais do que isso, depois de ensinar o que sabia para aquelas pessoas, ele as enviou para os centros mais desenvolvidos na área, para que pudessem aprender mais. Foi assim que ele mandou para os Estados Unidos o Mário Schenberg, que é um dos maiores físicos teóricos que o Brasil teve até agora, que mandou para Inglaterra o César Lattes, uma pessoa que por três vezes perdeu o prêmio Nobel.

Então nesse sentido eu acho que foi fundamental termos uma escola que ensinasse as pessoas a fazerem pesquisa, pois ela é uma coisa internacional, na qual você tem que concorrer com as pessoas do mundo todo.

RF: Quais são as fontes mais importantes nessa pesquisa?

SM: Nós estamos no campo da historiografia da história. Como eu disse, infelizmente não se pensou muito na preservação, talvez em função do fato que nós somos um país de analfabetos. Felizmente isso está passando, é uma coisa extremamente importante, para qual só agora estamos despertando. Mas nós certamente sempre temos uma grande dificuldade em trabalhar com nossa história, principalmente história científica, tecnológica, educacional, e mesmo cultural, porque a história política, bem ou mal, a partir de um certo período, tem os diários oficiais. Você vê a visão oficial, mas é uma visão sobre o assunto e dá para pesquisar a partir daquilo. No caso da ciência e tecnologia, nós temos uma grande dificuldade, e uma delas é que se você está em um país que tem uma ciência já “desenvolvida” você tem

revistas científicas, nas quais o resultado do trabalho dos cientistas está. É claro que sempre tem alguma coisa importante que se perdeu, e tem de ser recuperada, como o caso do Mendel. Ele publicou os trabalhos iniciais da genética moderna em uma revista qualquer que ninguém lia, como a grande maioria das revistas científicas, mas deixou registrado. Isso foi recuperado 50 anos depois por outros pesquisadores. Não é que no caso do Brasil nós não tenhamos, mas temos relativamente pouco.

Em termos de instituições, elas também tinham muito pouco interesse em preservar. Hoje, com a informática, a computação, a situação está mudando um pouco. Mas quando os documentos são em papel, isso ganha um volume muito grande; a partir de certo momento as coisas acabam se deteriorando, se perdendo, a manutenção é muito difícil. Mesmo assim, os museus, as instituições de pesquisa, todos eles na medida do possível tentaram preservar, e temos muito material para trabalhar. No caso da USP é mais fácil quando é um instituto ou coisa assim, porque é uma coisa mais localizada. A universidade é muito grande, quando as unidades se preocupam em manter esse tipo de documento é muito bom. Agora, a grande maioria não se preocupa com isso, principalmente quando tem objetivos práticos; eles estão interessados em fazer aquelas pesquisas, não em preservar.

Não existia até agora uma coisa mais especializada na preservação da memória. O que nós verificamos é que havia muito pouca coisa escrita, por exemplo, em termos de livros. O livro mais valioso que temos é um livro escrito por um professor que teve um papel importante aqui, Ernesto de Souza Campos, quando houve o 4º centenário da cidade e a USP estava comemorando os seus 20 anos. *História da Universidade de São Paulo* não é um livro de história, mas tem uma série de dados extremamente interessantes. Nesse sentido nós procuramos os dados, acho que os mais sistematizados encontramos nesse livro. Evidentemente nas atas dos conselhos universitários também existe alguma coisa, mas infelizmente elas são muito condensadas.

O caso mais interessante que eu conheço, em termos de preservação da memória, é uma coisa que é conhecida como anais do CNPQ, que na época se chamava Conselho Nacional de Pesquisas. Seu primeiro presidente era um militar, mas também era um pesquisador e uma pessoa muito interessante,

Almirante Álvaro Alberto. Ele tinha ciência de que as coisas que estava fazendo tinham uma importância histórica muito grande, e uma das razões era que o CNPQ foi responsável pela política nuclear brasileira. Ele sabia que uma série de questões políticas importantes estava relacionada com a ciência e tecnologia, e ele gravou todas essas discussões na reunião do seu conselho deliberativo, reuniões longas que demoravam três, quatro horas. Eles gravaram, transcreveram, copidescaram e depois deixou escrito, não publicado, mas como anais.

Então você vê a riqueza das discussões. Geralmente havia conflitos muito claros, principalmente no caso da energia nuclear. É uma coisa muito interessante, mas infelizmente a universidade não faz isso. Na maioria das unidades, e também em quase todas as partes do mundo, não se reproduz *in totum*, exatamente o que aconteceu nos conselhos.

Nesse sentido, na história contemporânea são muito interessantes e importantes os depoimentos das pessoas que viveram essa história. É claro que, como qualquer documento, você tem que analisar com cuidado, porque evidentemente a pessoa que está falando nunca vai falar mal das coisas que fez, a menos que ele esteja altamente arrependido, ou seja, um masoquista. Mas, mesmo com essa maquiagem que as pessoas dão, um historiador de talento sabe sempre retirar daí as coisas essenciais daquilo que ele quer saber. Então, na medida do possível, nós sempre tentamos entrevistar as pessoas que estão envolvidas, embora isso não tenha um apelo para uma leitura geral. Nós poderíamos fazer uma coisa que tivesse apelo ao público, como os jornalistas fazem, mas a idéia não é bem essa, é deixar registrado. Então nós sempre entrevistamos as pessoas que participaram do processo. Infelizmente, já no caso da USP, uma grande maioria de reitores havia falecido. Nos depoimentos aprendemos muita coisa, porque mesmo que não concordemos com as ações das pessoas, vemos uma certa coerência nelas fazerem aquilo, e é muito para dar uma série de pistas para você ir procurar. Assim, geralmente até adotamos uma técnica mais liberal, deixar a pessoa falar a vontade para a gente pescar alguma coisa dessa história.

RF: Professor, sua história pessoal aqui na USP influencia o trabalho?

SM: Bom, eu não sei se existe uma influência nesse sentido, mas claro que eu sou produto dessa univer-

sidade. Veja, eu entrei na universidade em um período extremamente crítico, mas ao mesmo tempo envolvente, fascinante, que foi a década de 60. Eu fiz a graduação de 65 a 67, o bacharelado acabei em 69, e o doutoramento em 71. Foi um período extremamente agitado, principalmente do ponto de vista estudantil, isso no mundo todo. Havia movimento estudantil contestando o *status quo* praticamente em todas as partes do mundo; o seu epicentro era Paris, mas se estendeu para a Califórnia, Alabama, Tóquio, Istambul, e aqui em São Paulo também. Mas São Paulo ainda tinha uma história anterior, embora cada uma das universidades deva ter a sua, porque justamente em 64 houve a chamada revolução, em que o regime militar se impôs aqui. Houve uma repressão, e temos que reconhecer que nesse caso, relacionado aos intelectuais, foi relativamente branda, na medida em que não houve, ao que tudo indica, tortura ou coisa desse tipo. Por exemplo, meu orientador, que era o professor Mário Schenberg, foi preso. Um amigo meu, Fuad Daher Saad, que era um líder estudantil e ainda hoje é professor no Instituto de Física, disse que jogou xadrez na prisão com o Schenberg. Houve um aprendizado muito grande nesse processo, de ter vivido no Crusp, de ter passado por um período diferente da universidade, porque foi uma coisa meio contestatória, e que foi muito útil para mim e para o meu posicionamento. De um lado, eu tive a felicidade de ter contato muito mais direto, em função do movimento, com professores de grande gabarito e pessoas que tinham um posicionamento desenvolvimentista, progressista, que queriam uma sociedade melhor. Claro, sociedade melhor é uma coisa muito relativa, para um capitalista é uma coisa, para um socialista é bastante diferente. Para mim então esse foi um período extremamente educativo, mas eu diria que não é tão diretamente ligado a USP. Claro que o fato de ter esses professores progressistas, Mário Schenberg, Florestan Fernandes, o próprio Fernando Henrique Cardoso, isso é fruto da própria universidade. Mas eu diria que esse ambiente contestatório, até febril, muito entusiasmado, também tinha os seus riscos. Eu felizmente nunca fui extremo, sempre fui socialista, sempre achei que a sociedade tem que se pensar mais em termos de pessoas do que de lucro, mas eu nunca fui ao extremo. Ainda, depois de o professor Schenberg ser cassado, fui apadrinhado por um professor muito respeitado, de centro-direita, mas

muito mais centro, o professor Eurípedes de Paula. Ele tinha muito prestígio entre os militares, por ter participado da 2ª Guerra Mundial como expedicionário, e foi um grande nome aqui na FFLCH. Ele era um historiador também, que tinha uma visão mais ecumênica das coisas. Eu aprendi muito com ele, assim como aprendi também com o professor Schenberg; então eu acho que tudo isso ajudou muito na minha formação, no meu comportamento e na forma como vejo essas questões.

Mas eu tenho que confessar que também ajudou minha própria origem; eu sou da 2ª geração de japoneses, mas meus pais fugiam um pouco do estereótipo do imigrante. Meu pai era matemático e minha mãe era professora lá no Japão. Meu pai sabia falar português, até tentou cursar matemática na FFCL, em função do fato do diploma dele do Japão não valer aqui. Eu vivi no meio de uma biblioteca enorme que ele tinha, sobre matemática, física, história, e mesmo de literatura, então eu tinha um conhecimento mais ou menos direcionado. Meu pai nunca me disse “você tem que ser matemático, físico, ou qualquer coisa”, mas eu acabei em um primeiro momento me formando em física. Então eu já tinha um pouco dessa visão do que é ciência, do que é uma visão crítica.

Isso foi então altamente reforçado pela educação que eu tive aqui, e tenho que confessar que realmente foi uma educação de 1ª qualidade, não no sentido como muita gente poderia entender uma educação universitária e educação em geral. Se você pensar do ponto de vista didático, ou do ponto de vista de aulas magistrais, de entusiasmar os alunos, você pode ter uma grande decepção aqui nessa universidade. Ela aqui se caracteriza como uma universidade de pesquisa, mostra que tem desafios culturais, científicos, tecnológicos, extremamente interessantes, e como fazer frente a eles.

Eu tinha certa tendência de ver as coisas dessa forma, que foi concretizada em função de eu ter vindo para essa universidade, em particular para a FFCL. Como eu disse, eu vim aqui em 65, entrei no Crusp, e depois nunca mais saí dessa cidade universitária. Então eu estou extremamente feliz de poder preservar, e colocar a público àqueles que estão interessados, aquilo que foi feito aqui e qual o seu significado. Nesse sentido, eu acho que o que estamos fazendo é um trabalho que vale a pena. Como eu disse, essas coisas também são, até certo ponto, circunstanciais.

Eu tenho o meu interesse desde estudante de conhecer as características do universo, da natureza; quando criança eu queria ser astrônomo, depois comecei trabalhando em astrofísica, e certamente estaria ainda hoje trabalhando se não fossem essas convulsões sociais que acontecem de tempos em tempos. Eu sempre pensei nessa questão do desenvolvimento, principalmente do Brasil. Talvez estivesse muito mais interessado, não feliz, porque feliz eu estou, em estar trabalhando com os buracos negros, galá-

xias, como os raios cósmicos se formam, ou então de ver como é que a gente pode mudar este planeta Terra que hoje está globalizado, no sentido melhor, e como é que o Brasil poderia melhorar, que são desafios muito interessantes. Então falar sobre universidade aparentemente não é uma coisa tão ampla, ambiciosa como essa, mas faz parte do jogo. Uma grande universidade, uma boa universidade tem um papel importante em um processo como esse, nós temos que conhecer essas coisas.

Serão publicadas no *Informe*, no decorrer deste ano, entrevistas com professores, referentes à memória da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Esta série de entrevistas prepara a comemoração dos 75 anos da FFLCH (festejados no próximo ano) e procura retratar as experiências de docentes importantes na trajetória da Faculdade.

ESPAÇO DOS FUNCIONÁRIOS

ENTREVISTA COM MARLENE P. ANGELIDES, CLÁUDIO DE SOUZA E FRANK NABETA

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

No fim de 2007, realizou-se a eleição que nomeou os representantes dos funcionários para 2008. Em entrevista, eles falam de seus planos, melhorias e intenções em relação à FFLCH.

1 - Em linhas gerais, como vocês definiriam o período que têm pela frente e suas intenções?

O período que teremos pela frente, se considerarmos a atual crise da educação em todos os níveis, será de grandes mobilizações de docentes, estudantes e funcionários. Nesse contexto, o envolvimento dos funcionários dará força à representação para uma atuação efetiva nas instâncias de debate e decisão da FFLCH, no sentido de que nossa Faculdade honre sua tradição de luta e defenda a Universidade Pública dos ataques que vem sofrendo. A defesa por melhores condições de trabalho e salários é dos as-

pectos da luta mais geral em defesa das Universidades Públicas e da educação pública como um todo.

2 - Mais concreta e explicitamente, quais serão os planos para o ano de 2008?

Fazer com que todos os funcionários sejam informados dos assuntos que nos dizem respeito direta ou indiretamente e envolvê-los nas discussões e decisões de nossa categoria, tanto internamente à Faculdade quanto na Universidade. A participação dos funcionários será fundamental num debate, imprescindível, que se fará este ano sobre a constituição de uma Estatuinte, cujo papel será o de sistematizar as propostas de um novo Estatuto para a Universidade, que garanta, entre outras importantes medidas, uma ampliação da representação de alunos, professores e funcionários nas instâncias de debate e deliberação das Unidades e da Universidade.

3 - No ponto de vista de vocês, quais serão os principais aspectos a serem modificados e/ou corrigidos?

A informação sobre questões importantes tanto para a vida funcional de cada um quanto para a vida da Faculdade e da Universidade deve chegar a um número maior de funcionários, e não apenas por *e-mail*. Devemos ter um informe impresso para facilitar o acesso às informações de um número maior de pessoas. Será necessário constituir um Fórum de Representantes que dê conta das tarefas de cunho administrativo e político que deverão ser realizadas.

4 - Haverá algum quesito a ser mantido? Se sim, qual (is)?

O envio, a todos, de informes dos representantes, de pautas e atas de CTA e Congregação, das reuniões das Comissões de Qualidade de Vida, do Grupo de Treinamento e da Comissão Permanente de Recur-

sos Humanos; as reuniões de funcionários também serão intensificadas.

5 - Considerando que estamos num ano em que acontecerão eleições para diretor e vice-diretor da Faculdade, quais serão as diretrizes para 2008 nesse sentido?

A renovação da direção da FFLCH deverá ser debatida amplamente, envolvendo alunos, professores e funcionários. Entre os funcionários, serão convocadas reuniões para um balanço da gestão que se encerra e a discussão dos programas dos candidatos a diretor. Nessas reuniões, procuraremos verificar, nos programas, quais propostas relativas aos funcionários vêm ao encontro das nossas, e tentaremos comprometer os candidatos e os funcionários com sua efetivação.

Matéria publicada no boletim Você Sabia nº001 - JAN/08

ENTREVISTA COM ASSAD, REPRESENTANTE DO CONSELHO DIRETOR DE BASE - SINTUSP

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

1- Em linhas gerais, como você definiria o SINTUSP àqueles que não conhecem? Como ele é organizado? Existem comissões, diretórios, etc? Há muita representatividade pelas unidades da USP?

O SINTUSP, aos que não o conhecem ou que o conhecem de longa data e mantém uma lembrança relativamente triste, é só mais um órgão de representação. Para aqueles que estão mais envolvidos com as questões políticas e afins, ele é um dos maiores e mais representativos sindicatos do Brasil. O SINTUSP possui uma diretoria composta por funcionários de praticamente todos os *campi* da USP e também é composta pelos CDB (Conselho Diretor de Base), que se reúnem para debater os rumos da nossa vida funcional. Nessas reuniões também são sugeridas ações de greves, atos e paralisações.

A representatividade dos CDB's nas unidades é muito relativa. A maioria dos casos é de companheiros ativos, porém já ouvi falar de representantes que iam às reuniões para coletar informações das ações propostas e divulgar aos diretores das unidades que, de alguma maneira, conseguiam bloquear, ou diminuir o impacto dos atos, etc.

2- Qual é a importância do cargo de representante do Sindicato dentro da FFLCH? E quais são seus objetivos para o ano de 2008 dentro do SINTUSP?

Ser representante CDB na FFLCH é um cargo de muita responsabilidade, uma vez que há inúmeras reuniões durante o ano, há também a necessidade de se divulgar tudo o que o SINTUSP elabora em termos de boletins, etc. O CDBista na FFLCH é muito ouvido antes, durante e no pós-greve. Ele também tem como responsabilidade a marcação das reuniões onde os funcionários irão decidir o destino da faculdade na greve, definir qual será o papel da FFLCH durante a paralisação, se de encarar as dificuldades de frente indo a todos os atos ou apenas apoiando a greve.

Infelizmente, não há tempo para que o CDBista, pelo menos neste último mandato, uma vez que sou o único representante, consiga fazer tudo o que lhe cabe. Acredito ter realizado um bom trabalho na minha gestão como representante e tenho certeza que incentivei outros a encararem o cargo com mais seriedade e afinco, pois sabemos que o CDBista tam-

bém é visto com maus olhos em momentos mais críticos, porém os funcionários estão acreditando mais em seus representantes e dando apoio quando estes são atacados.

Para 2008 meus projetos são outros, torço apenas para que haja candidatos ao cargo de CDB.

3- Em sua opinião, a FFLCH costuma ser mais adepta a movimentos sindicais do que outras faculdades da USP? Se sim, qual o motivo disso? Se não, quais outras unidades costumam se envolver também?

A FFLCH é uma das primeiras unidades a aderirem à greve, juntamente com a PCO. O histórico da nossa casa é de lutas, desde a época da repressão. Muitos de nossos professores foram presos, enfim, a FFLCH é uma unidade politizada, apesar de achar que muitos de nossos colegas perderam a vontade de lutar por já terem participado de muitas greves. Acredito que novos elos estão sendo criados com os alunos, alguns professores novos na casa, outros não tão novos assim, como é o caso do professor Francisco Capuano Scarlato, que está entre os representantes das diver-

sas instâncias acadêmicas e administrativas, que irão resgatar o ânimo político da faculdade e com certeza o futuro das greves, paralisações, defesas de funcionários; será grandioso e com uma adesão há muito não vista por esses lados.

Em relação às unidades participantes temos várias: ECA, FAU, IO, BIOCÊNCIAS, CEPE, diversas unidades aderem ao movimento, porém cada uma em seu momento.

4- Há alguma novidade ou projeto que já se encontra em fase de implantação, que já podemos divulgar aos funcionários da FFLCH?

Até o momento desconheço qualquer projeto, pois, como disse, há muitas tarefas a realizar, tanto no âmbito do CDB quanto no dia-a-dia em nossos locais de trabalho, o que me impediu de participar do primeiro CDB de 2008. O próximo será em março, quando então receberei tais informações, inclusive a data de quando ocorrerão as eleições para os novos representantes.

Entrevista publicada no Boletim Você Sabia nº002 – FEV/08

DOCTORADO

CHRISTINE DE PIZAN:

UMA RESISTÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA MORAL DE RESIGNAÇÃO

LUCIMARA LEITE

ORIENTADORES: Jacqueline Cerquiglini-Toulet e Philippe Willemart

BANCA: Dominique Boutet, Fernando Segolin e João Hansen.

RESUMO

O trabalho aborda a figura da mulher medieval, principalmente a partir do olhar da autora Christine de Pizan. No primeiro capítulo, *A tradição na qual insere-se a obra de Christine de Pizan*, é feita uma recuperação dos textos *exempla* e *specula*, tratados de

educação, porque acreditamos que esse gênero literário serviu de modelo para os textos da autora. Durante os séculos XII e XIII os eruditos começaram a demonstrar sua preocupação com a educação e o comportamento de homens e mulheres. Por isso, os sermões e os textos com essa temática se multiplicaram. Essa preocupação pode ser mensurada pela quantidade de textos em forma de *exemplum* e *speculum* que surgem nessa época. Os livros *Cité des dames* e *Trois vertus* nos quais Christine aborda a educação da mulher, são exemplos desse gênero de texto. O

capítulo faz uma análise das principais características de *exemplum* e *speculum*: suas origens, seus autores, seus principais títulos e datas. A diferença entre *speculum* e *exemplum* fica mais clara se cotejarmos as duas obras de Christine. Em *Cité des dames*, ela faz uso do *exemplum*, ela apresenta uma série com mais de cem exemplos de pequenas histórias de mulheres dignas de imitação. Já em *Trois vertus*, Christine descreve o cotidiano das mulheres e seus comportamentos de acordo com a classe social.

Segundo capítulo, *Fortuna crítica e a descrição*. Expomos uma cronologia com datas e nomes de autores que leram Christine, quais obras foram reeditadas, traduzidas e comentadas. Christine foi conhecida e lida por seus contemporâneos na França, Itália e Inglaterra. No século XV, após sua morte, elogios lhe foram feitos por diversos autores, suas obras traduzidas para o inglês e o português e reimpressas. Em seguida é apresentada uma descrição detalhada da estrutura das obras *Cité des dames* e *Trois vertus*; os principais assuntos tratados e a ordem de exposição.

No terceiro capítulo, *Uma resistência na aprendizagem da moral resignativa*, apresentamos uma breve história da educação feminina entre os séculos

XII e XIV. Após essa primeira parte, segue uma comparação entre os pontos de intersecção de *Cité des dames*, *Trois vertus* e *Mesnagier de Paris*. Faz-se notar a importância de observar a diferença entre os textos produzidos por autores masculinos, como o *Mesnagier*, tanto no que diz respeito ao tratamento dado às mulheres como à temática. Christine aborda o cotidiano das mulheres, desde as mais ricas até as mais simples, indicando-lhes suas obrigações desde o levantar-se até o deitar, ela trata da questão de saber se portar segundo as prerrogativas sociais, etc. No entanto, ela não é prolixa dando explicações nos mínimos detalhes. Ela fala a seres que têm conhecimento e possuem inteligência. Por fim, é apresentada uma relação hierárquica das virtudes e dos defeitos presentes nas três obras.

Como conclusão podemos verificar, pelas transformações apresentadas nos textos de Christine, que a autora fez uma adaptação dos textos masculinos. Adaptação esta que deu forma à voz de muitas mulheres que até então não tinham um representante de seus anseios na esfera literária.

Palavras-chave: Educação medieval. Educação feminina. Literatura francesa.

MESTRADOS

RETÓRICA DO POVO : A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO NOS RECURSOS DE INFRAÇÃO DE TRÂNSITO

FÁBIO SOUZA TRUBILHANO

Departamento: Letras Clássicas e Vernáculas

Programa: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Profa Dra Lineide do Lago Salvador Mosca

Banca: Professores Doutores Hudinilson Urbano e Maria Lígia Coelho Mathias

Resumo

A presente dissertação tem por objeto de estudo a construção do discurso, em sua perspectiva retórico-

argumentativa, nos recursos de infração de trânsito. Com esse propósito, este trabalho se debruça sobre a linguagem, o texto e o discurso persuasivo, tendo em vista a sua aplicabilidade ao processo administrativo, cujo julgamento é de competência da Junta Administrativa de Recursos de infrações do Município de São Paulo. Os recursos são interpostos pelos infratores que, com os próprios punhos os escrevem, daí o título *Retórica do Povo*, o qual faz alusão à retórica natural, inerente à comunicação. Para realizar-se a

análise argumentativa dos recursos serviram de base teórica, entre outros, os estudos aristotélicos da Antiga Retórica e os estudos da Nova Retórica, procedentes de Perelman e Tyteca, autores do *Tratado da Argumentação*. Procurou-se também aliar os fundamentos do raciocínio dialético-argumentativo, próprio da Retórica, ao raciocínio cartesiano demonstrativo-analítico, próprio da Lógica Formal, no que tange à construção do discurso persuasivo petitorio.

A tríade *ethos, pathos e logos* forneceu alicerce teórico para as análises realizadas, concluindo-se no sentido de que os estudos retóricos clássicos são

plenamente aplicáveis aos discursos hodiernos, não podendo uma análise argumentativa consistente deixar de debruçar-se sobre as fontes da Retórica Clássica. Por sua vez, a Nova Retórica também serviu de base às análises empreendidas, recuperando os princípios da velha Retórica e apontando novas abordagens sobre o discurso persuasivo ao explicitar as técnicas argumentativas mobilizadas na comunicação. Assim sendo, mostrou-se frutífero o estudo das infrações de trânsito sob o ângulo da argumentação, o que veio a confirmar o fato de que a retórica faz parte do cotidiano das pessoas e é inerente à linguagem.

TEIAS DE SIGNIFICAÇÃO: PERFORMANCE DE LÍNGUA-FRANCA E NARRATIVAS VIVENCIADAS DE IDENTIDADE

IRENE SINNECKER LEVIN

Departamento: Letras Modernas

Programa: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

Orientador: Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza

Banca: Profs. Drs. Kátia Rubio (EEFE - USP) e Walkyria Maria Monte Mór (FFLCH)

Resumo:

Esta pesquisa de cunho etnográfico procura investigar o complexo da linguagem, focalizando o caráter performativo da linguagem e a busca por uma língua-franca de modo geral, e o papel do modo narrativo em particular, na construção de identidade, considerando-se que esta é composta por um complexo de vivências de corpo, alma e espírito, sócio-históricas e culturais contextualizadas. Os significados de nossas construções narrativas são constituídos por e constituem nossos contextos sociais, culturais e ideológicos. Identidade não é homogeneia, estável ou fixa, pelo contrário, trata-se de uma construção híbrida, uma teia de significação performativa (Geertz 1973; Hall 1996, 1997, 2003; Bhabha 1990, 1994, 1998, 2000; Menezes de Souza 2004, 2006), é um complexo, conjunto de narrativas, de processos de ação, de construção de significação, que formam o sujeito (Bruner, J. 1986, 1992,

2001; Klapproth 2004). A vivência contextualizada é o elemento de ligação entre narrativa e identidade (Merleau Ponty 1945, 1961, 1984; Varela 1991, Lakoff & Johnson 1999, Bakhtin 1988, Lemke 1997). Procuraremos demonstrar como as narrativas construídas em torno da comunidade cafeeira no Brasil do século XIX, especialmente em torno da imigração de cunho particular, para a fazenda de café Ibicaba, do Senador Vergueiro, no estado de São Paulo, são vivências de identidades contextualizadas que repercutem na construção de outras identidades que exercitam o direito de narrar e significar até os dias de hoje. Para sobrevivermos à crise de identidade criamos várias identificações. Através do direito de narrar sob perspectivas, vivências e contextos distintos, sejam de inclusão ou deslocamento, sejam voltadas para o passado ou futuro, somos todos híbridos ao lidarmos com a indeterminação e contingência de identidade que é o que temos em comum. Detectamos que várias “verdades” são construídas sócio-histórica e culturalmente a partir de seus contextos e que ‘as identidades são um complexo de narrativas vivenciadas, formadas nas zonas híbridas de encontro de culturas’.

Palavras-Chave: linguagem, performance, narrativa, vivência, identidade.

AS FERROVIAS BRASILEIRAS E A EXPANSÃO RECENTE PARA O CENTRO-OESTE

RICARDO PETRILLO FICI

Departamento: Geografia

Programa: Geografia Humana

Orientador: Prof Dr. Armen Mamigonian;

Banca: Francisco Capuano Scarlato e Tania Maria Fresca

Resumo

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar e discutir a expansão dos projetos de transportes na região Centro-Oeste e sua relação com a expansão agrícola. A pesquisa foi feita através de consultas em revistas especializadas, e textos de pesquisa econômica. O Brasil apresenta sérios problemas de infraestrutura que prejudicam sua capacidade produtiva e comprometem seu crescimento econômico.

Atualmente, um dos gargalos mais perceptíveis que impedem o crescimento da economia é a necessidade de ampliação e modernização dos meios de transportes de cargas para atender com qualidade a produção industrial e agrícola. Não é suficiente obter recordes consecutivos na produção de grãos e minérios se não há recursos adequados para fazer o escoamento em tempo hábil aos portos e consumidores. Há mais de 50 anos, o Brasil priorizou as rodovias e hoje sofre com a falta de recursos financeiros para manter as estradas e ampliar as rotas para as regiões afastadas

dos principais centros econômicos. Mesmo após as privatizações, as rodovias continuam precárias e sem perspectivas de melhoramentos a curto prazo.

O transporte rodoviário tem suas vantagens, mas seus custos de manutenção e ampliação são mais elevados, principalmente se forem considerados as despesas para policiamento, engenharia de tráfego, além dos problemas ambientais causados pelo desmatamento e poluição nas grandes cidades. As ferrovias têm maior capacidade de carga, contemplam as necessidades continentais do Brasil, e seu custo de manutenção é reduzido. As ferrovias foram esquecidas por quase meio século e os 30.000 quilômetros de estradas de ferro em funcionamento são insuficientes para atender a produção nacional. A malha ferroviária atual transporta aproximadamente 23% da produção do país a custos mais acessíveis. Após as privatizações os novos investimentos do setor privado geraram um aumento de 94% na produtividade do sistema na última década. A ampliação das ferrovias requer maior vontade política do governo e da sociedade para que os trilhos tenham maior representação dentro da matriz dos transportes do Brasil.

Palavras-chave: Centro-Oeste, Ferrovias, Logística, Privatização, Soja.

LEITURA EM INGLÊS NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DA ATIVIDADE DE LEITURA NA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR NOVAS TECNOLOGIAS

TAÍSE FIGUEIRA MOTTA

Departamento: Letras Modernas

Programa: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

Banca: Maria Helena Vieira Abraão - UNESP S. J. Rio Preto, Lynn Mario T. Menezes de Souza - DLM / USP. Suplentes: Leila de Mello Darin - PUC-SP, Elizabeth Harkot de la Taille - DLM / USP

Resumo

Esta pesquisa focaliza práticas e eventos de letramento observados no ensino de leitura em inglês de duas

escolas do Ensino Médio (uma pública e outra particular). A partir da análise interpretativa de vários excertos de exercícios, de fragmentos de entrevista gravada em áudio com as professoras e de depoimentos de alunos, colhidos por meio de questionário, identificamos concepções de linguagem e de educação semelhantes nas duas escolas investigadas. Verificamos também regularidades no que diz respeito ao paradigma de aprendizado *curricular*, presente nas duas escolas, assim como notamos contradições entre o que é realizado nas escolas e as práticas de leitu-

ra e de aprendizado *interativo* desenvolvido pelos alunos fora da escola, possibilidades geradas a partir de novas tecnologias de informação e comunicação. Por entender que a abordagem qualitativa seja a mais adequada aos objetivos propostos, convivemos com a realidade da sala de aula para a coleta de dados, utilizando procedimentos e instrumentos característicos da pesquisa de cunho etnográfico. Por meio de triangulação das informações obtidas, selecionamos práticas e eventos de letramento significativos para uma análise interpretativa, apoiando-nos em teorias de base sociológica postuladas na década de 1990, como a do Letramento Crítico (*Critical Literacy*), concepção desenvolvida sob o termo guarda-chuva de Novos Letramentos (*New Literacy Studies*). Também adotamos os Multiletramentos (*Multiliteracies*), cujo foco está centrado em dois aspectos das sociedades contemporâneas: primeiro, a interação de fronteiras lingüísticas e culturais dentro de e entre sociedades, e, segundo, a multimodalidade, múltiplos modos de construção de significado, envolven-

do o lingüístico, o visual e o sonoro, dentre outros meios semióticos que integram a crescente tendência de textos mediados por novas tecnologias. Nas duas instituições participantes dessa pesquisa observamos práticas e eventos de letramento similares, apontando para uma concepção de educação e de linguagem convencionais que não correspondem às necessidades da sociedade contemporânea que integra globalmente a produção e a distribuição de palavras, sons e imagens, interativamente. Portanto, o resultado das análises indica uma necessidade de revisão nas concepções de leitura, aprendizagem, linguagem e de conhecimento estabelecidas nas escolas, de modo a promover a re-estruturação e a adequação de práticas que correspondam às exigências da sociedade pós-industrial, fundada em novas tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: leitura, letramento crítico, multiletramentos, tecnologias de informação e comunicação, língua inglesa.

PRODUÇÃO DA FACULDADE



Editora Humanitas
www.fflch.usp.br

CAÇA ÀS SUÁSTICAS:

O PARTIDO NAZISTA EM SÃO PAULO SOB A MIRA DA POLÍCIA POLÍTICA

ANA MARIA DIETRICH

Este livro, em co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, resulta do inventário do Fundo DEOPS/SP, desenvolvido pela equipe de pesquisadores do PROIN (Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP) que, desde 1996, tem contribuído para a construção do conhecimento histórico acerca do exercício moderno do poder por meio das instituições públicas. Representa uma conquista que diz respeito ao direito à memória. Expressa o retorno ao Estado de Direito que restabelece as garantias individuais e as liberdades públicas, entre as quais o direito à informação e à livre circulação de idéias.

OS “QUEBRA-SANTOS”: ANTICIERICALISMO E REPRESSÃO PELO DEOPS/SP

EDUARDO GÓES DE CASTRO (COL. INVENTÁRIO DEOPS, 14)

Neste livro, o autor apresenta seu mapeamento dos prontuários policiais do Fundo DEOPS do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Através deste inventário, constatamos que, em muitos casos, os “inimigos políticos” coincidem com os “inimigos da Fé católica”. Popularmente denominados de “Quebra-santos”, os hereges da Ordem Social e Política eram “eter-nos inimigos de nossa pátria”. Daí encontramos fichados pelo DEOPS, além dos anarquistas, comunistas e socialistas, também os partidários do protestantismo, do espiritismo e da maçãria, além dos Testemunhas de Jeová.



Editora Humanitas
www.fflch.usp.br



Editora Humanitas
www.fflch.usp.br

REGIONALISMOS, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO

GILDO MARÇAL BRANDÃO, MARCOS COSTA LIMA E ROSSANA ROCHA REIS (ORGS.)

Os artigos contidos neste livro são o produto de um seminário ocorrido em novembro de 2006, na Universidade Federal de Pernambuco, numa parceria entre os departamentos de Ciência Política da USP e da UFPE em torno de uma mesma questão: a investigação sobre os processos (nacionais e internacionais) de democratização e do desenvolvimento, seja do ponto de vista teórico, seja na perspectiva da construção das instituições, com vistas ao enriquecimento do debate político brasileiro, ainda polarizado em torno do dilema “crescimento versus estabilidade”

A IGREJA COMO REFÚGIO E A BÍBLIA COMO ESCONDERIJO:

RELIGIÃO E VIOLÊNCIA NA PRISÃO

CAMILA CALDEIRA NUNES DIAS

A partir do referencial teórico do interacionismo simbólico, a autora procura compreender o lugar, o papel e a posição dos presos evangélicos dentro da prisão e também como são estabelecidas as relações entre presos religiosos e a massa carcerária. O foco da análise se dá tanto nos discursos e nas relações exclusivas do grupo religioso quanto no âmbito externo ao grupo, focalizando as relações sociais estabelecidas entre presos evangélicos e massa carcerária. Emergem, a partir daí, as ambigüidades, as tensões e os conflitos entre estes dois grupos que conferem outros significados para a prática religiosa, traduzidos na expressão “esconder-se atrás da Bíblia”, que faz referência aos presos que encontram na conversão religiosa uma opção de sobrevivência física, ainda que esta signifique um elemento a mais nos processos de destruição da identidade, característicos das instituições totais.



Editora Humanitas
www.fflch.usp.br



GILDA, A PAIXÃO PELA FORMA

Quase todos os textos do livro “Gilda, a paixão pela forma” foram apresentadas no seminário sobre Gilda de Mello e Souza (1919-2005), realizado em agosto de 2006 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na qual Gilda se destacou como uma das figuras mais marcantes de seu tempo.

Tendo iniciado a formação intelectual sob a orientação de Mário de Andrade, primo-irmão de seu pai, começou a cursar Filosofia em 1937, na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde se formou em 1939, tendo sido aluna de Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide e Jean Maugüé.

Integrou uma geração de mulheres talentosas que iria marcar o timbre da inteligência brasileira e, diversamente de muitas colegas que desistiram da profissionalização acadêmica, vista como alternativa ao confinamento doméstico, Gilda fez caminho próprio. Traçou um itinerário pessoal combinando harmoniosamente vida familiar e carreira intelectual e, como algumas outras contemporâneas de valor, contribuiu para a constituição de um modelo de excelência, diferente do modelo masculino.

Em 1941, participou da fundação da revista *Clima*, marco da vida intelectual brasileira, com os amigos Antonio Candido – com quem se casaria em 1943 –, Paulo Emilio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado e Alfredo Mesquita, entre outros.

De 1943 a 1954, foi assistente de Roger Bastide na cadeira de Sociologia e, a partir de 1955, tornou-se professora de Estética no Departamento de Filosofia, cuja direção viria a assumir nos anos difíceis da ditadura militar. Nesse departamento fundou, em 1970, a revista *Discurso*, até hoje uma referência nos estudos filosóficos brasileiros. Aposentando-se em 1972, recebeu, em 1999, o título de professora emérita da USP.

Na tese de doutoramento, *A moda no século XIX*, Gilda adotou uma sociologia sensível às figurações simbólicas das práticas sociais, dispensando o recurso à voga acadêmica, no seu setor. Defendida em 1950, é considerada, hoje, uma obra-prima da incipiente sociologia brasileira e, apesar de publicada na *Revista do Museu Paulista* no ano da defesa, a tese amargou trinta e sete anos no limbo das obras esquisitas, circulando

apenas entre os poucos iniciados que a admiravam. O reconhecimento tardio foi impulsionado pela edição de 1987 feita pela Editora Companhia das Letras, com o título *O espírito das roupas: A moda no século XIX*.

Os ensaios que compõem “Gilda, a paixão pela forma” concentram um conjunto excepcional de colaboradores e se empenham em realçar a importância, a abrangência e a originalidade do pensamento crítico de Gilda de Mello e Souza, lembrando que ela contribuiu decisivamente para a formação de várias gerações de intelectuais que hoje ocupam lugares destacados na vida cultural brasileira.

O fascínio exercido pelo estilo “ensaístico”, que destoava do “rigor” e do “cientificismo” dominantes nos anos de 1950 e 1960, jamais será esquecido por quem freqüentava a aulas de estética de Gilda. Há quem lembre, ainda, que tão importante quanto acompanhar suas aulas era freqüentar sua sala, na faculdade, para comentar com ela um filme recém lançado, um livro ou as dificuldades de um trabalho em curso. Nesses contatos, ela tanto podia expor com paixão opiniões sobre os teóricos da arte que admirava quanto administrar o antagonismo juvenil entre alunos marxistas e nietzschianos. Sua prosa cuidada flui com elegância dos livros *O tupi e o alaúde* (1979), *Exercícios de leitura* (1980), *A idéia e o figurado* (2005), e *O espírito das roupas* (1987).

As sessões do seminário e, agora, o livro “Gilda, a paixão pela forma”, foram concebidos com o intuito de dar a palavra a intelectuais que já haviam tratado de algum aspecto da obra de Gilda de Mello e Souza. Em ambas as iniciativas estão examinados moda, artes e literatura, no eixo “análise da cultura”; artes plásticas, cinema e literatura, no eixo “crítica de arte” – e ainda a notável e corajosa contribuição institucional de Gilda ao Departamento de Filosofia.

Finalmente, dada sua relevância no panorama da cultura brasileira, os nomes aqui reunidos atestam, por si só, a dimensão do legado intelectual de Gilda de Mello e Souza:

Sergio Miceli
Franklin de Mattos
Bento Prado Júnior
Marilena Chaui
Walnice Nogueira Galvão
Otília B. Fiori Arantes
Paulo Eduardo Arantes
Heloisa Pontes
Joaquim Alves de Aguiar

Vilma Arêas
Ismail Xavier
Eduardo Scorel
Roberto Schwarz
Davi Arrigucci Jr.
Modesto Carone
Nelson Aguilar
Jose Miguel Wisnik
Laura de Mello e Souza



Gilda de Mello e Souza por volta de 1943
acervo Ouro sobre Azul



Gilda de Mello e Souza em
meados da década de 1990
Guilherme Maranhão

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 40 - março de 2008



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091 -1513

